fala tu!

ISSN 3086-111X VOL. 2, N. 6, 2026

O TEXTO FORA DA GAVETA

Edição celebrativa







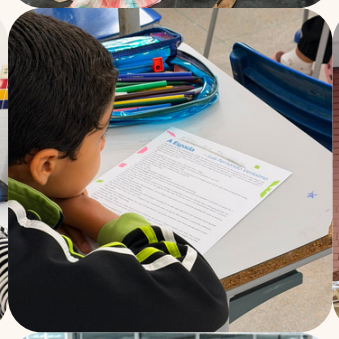



Crônica

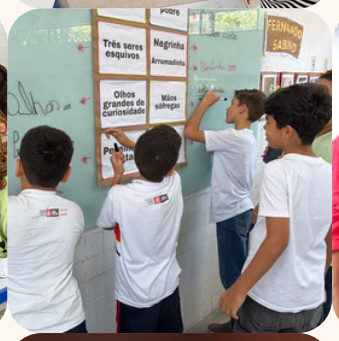









Três seres esquivos
Negrinha
Olhos grandes de curiosidade
Mãos sábregas
FERNANDA SABINO














Organizadoras desta edição
Patrícia Silva Rosas de Araújo DME/CE/UFPB
Fabrini Katrine da Silva Bilro DME/CE/UFPB
Maria Graciele de Lima DME/CE/UFPB

ISSN 3086-111X

É permitido compartilhar este material — copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato — desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC BY-NC-ND. Os conceitos, hipóteses, opiniões, conclusões e recomendações apresentadas são de inteira responsabilidade dos autores, assim como a indicação e utilização de fontes bibliográficas, iconográficas, tabelas e/ou gráficos. As ideias aqui expressas não refletem, necessariamente, a visão da Fala Tu!

EXPEDIENTE

Editora-chefe
PatríciaSilvaRosas de Araújo DME/CE/UFPB

Editoras adjuntas
Fabrini Katrine daSilva Bilro DME/CE/UFPB
Gilvete de Lima Gabriel DME/CE/UFPB/UFRR

Comissão Editorial
Adlene Silva Arantes | UPE
Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel | UPE
Dieison Prestes da Silveira | UFPB
Josué Carlos S. Santos | USP
Manassés Morais Xavier | UFCG
Maria Graciele de Lima | UFPB
Maria Margareth de Lima | UFPB
Maricélia Ribeiro Jorge | PMCG
Monique Alves Vitorino | UPE

Colaboração Editorial Estudantil| UFPB
Hugo Darlyson de Araujo Andrade

Editoração
Patrícia Silva Rosas de Araújo

Conselho Consultivo

Amasile Coelho L. C. Sousa | UEPB
Ana Cláudia de França | UFPE
Cícero Pedroza Silva | UFPB
Haila Ivanilda da Silva | UFPE
Isabelle de Araújo Pires | PMCG
Jéfferson Luiz B. L. Silva | UFPB
João Gilberto Farias Silva | UFPE
Josias Ferreira da Silva | UERR
Luciano Nascimento | UEPB
Maria Leogete Joca da Costa | UFRR
Maria Lúcia. F. de Figueiredo Barbosa | UFPE
Rejane Dias da Silva | UFPE
Roziane Marinho Ribeiro | UFCG
Sebastião Monteiro Oliveira | UFRR
Tânia Guedes Magalhães | UFJF
Thayana Priscila Domingos da Silva |UFPB
Vera Lúcia Chalegre de Farias |UPE

Responsável Técnico/Suporte
AldenoraGiovana da Silva | UFPB
Maria Dayane Lira Dantas | UFPB

Endereço Editorial
Fala Tu! Contato:
contatorevistafalatu@gmail.com
Centro de Educação – Universidade Federal da Paraíba - Cidade Universitária – Campus I CEP 58059-970
João Pessoa, PB – Brasil

EDITORIAL

Esta edição da revista Fala Tu! é motivo de celebração. Reunimos produções literárias e acadêmicas de estudantes do curso de Pedagogia, Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, vinculados ao projeto **Desengaveta Meu Texto: Práticas de Leitura**, **Escrita e Publicação Acadêmica**, desenvolvido no âmbito do **Programa de Apoio a Experiências Interdisciplinares Desenvolvidas para Melhoria da Qualidade do Ensino de Graduação (QUALIGRAD)**.

Celebrar esta edição significa reconhecer uma trajetória construída coletivamente, feita de encontros com a leitura, experiências de escrita, descobertas, revisões e possibilidades de publicação. Por isso, reunimos textos representativos de edições anteriores da revista e de outras publicações realizadas em parceria com os estudantes, ao lado de produções inéditas, como crônicas de aprendizagem. Mais do que apresentar uma coletânea de textos, esta edição torna visível parte de um percurso formativo no qual ler, escrever, refletir e publicar se articulam como práticas de aprendizagem e participação na vida acadêmica.

A diversidade de gêneros textuais expressa a pluralidade de experiências e propósitos que atravessam esse percurso. Memórias literárias, resenhas literárias, relatos de memória, resumos expandidos, relatos de experiência, crônicas, crônicas de aprendizagem e ensaio cronístico compõem um conjunto que evidencia diferentes maneiras de organizar o pensamento, narrar vivências, elaborar conhecimentos e construir interlocução com o outro.

Essas produções foram desenvolvidas por estudantes que cursaram as disciplinas Linguagem e Interação, Língua e Literatura e Seminário Temático, ministradas pelas professoras Patrícia Rosas, Fabrini Katrine, Graciele Lima, Fernanda Zilli e Gilvete Gabriel, entre os semestres 2024.2 e 2026.2. São textos de pessoas em formação que experimentam modos de registrar o que aprendem, de atribuir sentidos às próprias experiências e de reconhecer a escrita como uma prática que ultrapassa o cumprimento de uma atividade acadêmica. Escrever, nesse contexto, também significa assumir a palavra, elaborar um posicionamento e descobrir que aquilo que pensamos, vivemos e aprendemos pode interessar a outras pessoas.

Convidamos você, leitor ou leitora, a percorrer estas páginas com curiosidade e disponibilidade para conhecer não apenas os textos que chegaram à publicação, mas também os processos que os tornaram possíveis. Cada produção carrega uma intenção comunicativa, escolhas, tentativas e decisões. Há caminhos que se revelam na organização das ideias, outros aparecem nas marcas de revisão, nas mudanças de perspectiva e na busca pela palavra que melhor expressa o que se deseja dizer.

A escrita não nasce pronta. Ela se constrói em movimentos de aproximação e distanciamento, de retomadas, de dúvidas e de descobertas. É nesse percurso que o escritor também se transforma.

Esta edição amplia sua celebração ao acolher as produções dos estudantes dos 5º anos, da Escola Pública Municipal Aruanda, localizada em João Pessoa, Paraíba. A participação das crianças decorre do Projeto Prolicen "*Da Sala de Aula à Publicação: Experiências Formativas na Interface Universidade–Escola*", coordenado pela professora Patrícia Rosas, com a atuação dos bolsistas Aldenora Silva e Hugo Darlyson Andrade e a colaboração da professora da turma, Tarciany Pereira.

Ao longo do ano letivo de 2026, os bolsistas desenvolveram uma sequência didática voltada ao gênero crônica de aprendizagem, a partir do tema F*eliz Aniversário*. A proposta convidou as crianças a narrar uma experiência relacionada ao próprio aniversário ou ao aniversário de outra pessoa e a refletir sobre o que aprenderam durante o projeto de leitura e escrita. A crônica de aprendizagem permite situar o que foi aprendido, quando, onde e em que contexto a aprendizagem aconteceu, relacionando uma experiência concreta às descobertas que ela tornou possíveis. Assim, ao escrever sobre uma festa, uma lembrança ou uma expectativa, as crianças também puderam olhar para o próprio processo de aprender e registrar algo sobre ele.

As crônicas produzidas por esses estudantes nos convidam a perceber que uma mesma situação pode despertar sentimentos muito diferentes.

EDITORIAL

Um aniversário pode guardar a alegria do encontro, a expectativa por um presente, a saudade de alguém, a tristeza de uma ausência ou a frustração diante do que não aconteceu como se esperava. Nas narrativas, essas emoções se entrelaçam e revelam que a experiência infantil é diversa, complexa e digna de ser escutada. Ao narrar acontecimentos cotidianos, as crianças também atribuem sentidos ao que viveram, selecionam lembranças, organizam suas percepções e compartilham modos singulares de compreender o mundo.

Há, portanto, muito a descobrir nessas páginas. Para a maioria dessas crianças, a publicação representa uma oportunidade de fazer a escrita circular para além dos limites da sala de aula. Em muitas experiências escolares, os textos são produzidos para cumprir uma atividade, receber uma nota ou ser lidos exclusivamente pelo professor ou pelos colegas. Em outras, permanecem guardados, sem alcançar outros leitores. Quando encontram espaço para circular, porém, essas produções ganham novas possibilidades de interlocução. A criança deixa de escrever apenas para atender a uma solicitação escolar e passa a experimentar a condição de autora, alguém que tem algo a dizer e que pode ser lido, ouvido e reconhecido por pessoas que não participaram diretamente da situação de escrita.

Isso não significa desconsiderar os desafios que acompanham a aprendizagem da escrita. As crianças estão construindo conhecimentos sobre a língua, experimentando formas de narrar e desenvolvendo recursos para expressar suas ideias. É justamente por isso que seus textos merecem ser lidos com atenção, respeito e generosidade. Mais do que procurar inadequações ou medir a distância entre o texto produzido e uma forma considerada ideal, vale observar as escolhas realizadas, as ideias que ganham forma, as marcas de posicionamento e os indícios de autoria que emergem em cada narrativa.

Convidamos, assim, nossos leitores e leitoras a se aproximarem dessas produções com uma disposição para a escuta ativa, o acolhimento e o diálogo. Uma leitura generosa não significa abrir mão da reflexão crítica, mas reconhecer o texto em seu contexto de produção e compreender que a aprendizagem se realiza por meio de experiências, tentativas, intervenções e retomadas. Os percursos percorridos pelos estudantes importam tanto quanto os resultados alcançados. As idas e vindas da construção textual, os modos de organizar as ideias e as escolhas feitas para comunicar uma experiência revelam aprendizagens que nem sempre podem ser percebidas quando olhamos apenas para a estrutura final do texto.

Ao colocar em diálogo produções de universitários e de crianças da educação básica, esta edição também reafirma a importância da aproximação entre universidade e escola pública. E a experiência de leitura não termina na página impressa ou na tela. Além das produções escritas, esta edição reúne produções orais que podem ser acessadas por meio dos QR Codes. Ao escutar as vozes dos autores e das autoras, o leitor amplia seu contato com as produções e encontra outras formas de acompanhar a expressão de ideias, sentimentos e experiências.

O leitor também encontrará um exemplar de atividade adaptada, realizadas com crianças da escola municipal Aruanda com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse registro revela tanto os desafios que atravessam as práticas inclusivas quanto a importância de construir possibilidades de participação, respeitando as singularidades e os modos de aprender de cada criança. Mesmo diante de condições adversas, incluir significa buscar caminhos, adaptar propostas e reconhecer que toda criança tem o direito de participar, aprender e ter suas produções valorizadas.

A Fala Tu! celebra, portanto, muito mais do que textos publicados. Celebra o direito à palavra, a coragem de escrever, a disposição para aprender e a possibilidade de compartilhar aquilo que se pensa, sente e descobre. Celebra também o trabalho coletivo de estudantes, professores, bolsistas e colaboradores que fazem da leitura e da escrita experiências de formação, encontro e participação.

Que esta edição seja um convite para ler sem pressa, reconhecer os percursos que cada texto guarda e descobrir, nas diferentes vozes aqui reunidas, a potência da palavra em construção. Afinal, quando um texto deixa de ficar na gaveta e encontra seu leitor, a escrita ganha novos sentidos, e quem escreve descobre que sua voz pode chegar mais longe.

Boa leitura!

SUMÁRIO

06 O PRIMEIRO QUADRO NA PAREDE
06 FILHA, SEU CAFÉ!
07 E AGORA, JOSÉ? PODEMOS ANDAR JUNTOS?
08 O PATINHO FEIO (HANS CHRISTIAN ANDERSEN)
09 O BRUXO E O CALDEIRÃO SALTITANTE (J.K. ROWLING)
09 A RAPOSA E O GATO (IRMÃOS GRIMM)
11 "PAI, ENTREI NA FEDERAL!"
11 PEDAGOGIA: O TEMPERO DA VIDA
12 EU SOU SOFIA: MEU DESEJO É EMBELEZAR O MUNDO!
13 LITERATURA EM CENA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR
16 ONDE O VENTO LÊ A TERRA: PAISAGENS SONORAS E ALFABETIZAÇÃO EM EXPERIÊNCIAS ENTRE O VALE DO MAMANGUAPE E O LITORAL PESSOENSE
18 TIA LUA
18 NÃO GARANTO NADA, APENAS MEXERICA!
19 APAGANDO OS RASTROS DO CAFÉ
19 O TOMATE QUE NÃO VINGOU
20 ENTRE O ARROZ E O FEIJÃO, MAINHA
20 O ARMÁRIO QUE DESALINHOU OS CHAKRAS DA CASA
21 CADEIRAS NA CALÇADA
22 A FESTA DE RENOVAÇÃO DO CONTO "PAI CONTRA MÃE" DE MACHADO DE ASSIS
25 O PODER DA LINGUAGEM E A RESPONSABILIDADE DE ENSINAR
26 A PÁGINA 130
28 VER, REVER, TRANSVER E VIVER
30 UMA SAUDADE
30 BOLO DE LARANJA E CAIXINHA SURPRESA
31 O ANIVERSÁRIO DA MENINA POPULAR DA SALA
31 UM ANIVERSÁRIO DIFERENTE DO QUE EU ESPERAVA
32 O MESVERSÁRIO DE MARLON
32 DUAS HORAS DE DIVERSÃO
33 NOSSA, UMA FESTA DE ANIVERSÁRIO!
33 ONDE ESTÁ MEU BOLO?
34 UM DIA TRANQUILO
34 FOTOS SÃO RECORDAÇÕES
35 UMA SURPRESA E TANTO!
35 O MELHOR PRESENTE FOI ESTAR COM MINHA FAMÍLIA
36 UMA FESTA NA CASA DA MINHA AVÓ
36 MEU NOME NO MILK-SHAKE
37 PARA CELEBRAR MEUS 11 ANOS
37 A SURPRESA NA CASA DA DINDA
38 O MEU ANIVERSÁRIO FOI UM ACONTECIMENTO
39 TINHA UMA COISA DIFERENTE NAQUELE DIA
39 EU AMEI O PRESENTE DA MINHA TIA
40 A FESTA DA MINHA AMIGA
40 SERÁ QUE VAI TER COMEMORAÇÃO?
41 CAFÉ NA CAMA
41 A SURPRESA DA MINHA MÃE
42 UMA SUPRESA PARA MINHA IRMÃ
42 QUE DIA!
43 O ANIVERSÁRIO DE UMA POETA SONHADORA
43 UM JEITO ESPECIAL DE COMEMORAR
44 EU NUNCA VOU ESQUECER
44 A FESTA NO GAME STATION
45 ATIVIDADE ADAPTADA PARA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O PRIMEIRO QUADRO NA PAREDE

/Damiana Maria Santos



Era uma tarde de maio quando, ao visitar a Praia do Jacaré, em Cabedelo, na Paraíba, me deparei com uma feira de artesanato vibrante. As lojas estavam repletas de artefatos decorativos, jarros de barro, quadrinhos de madeira e pinturas em azulejos, preenchendo o ambiente com um charme rústico. Cada peça, impregnada com o toque humano, evocava a sensação de uma casa acolhedora e me fez lembrar da simplicidade e riqueza da casa dos meus pais.

O cenário da feira despertou em mim uma profunda nostalgia, transportando-me para o sertão da Paraíba, para São José do Sabugi, um lugarzinho no meio do nada onde cresci. Aquele local, onde o pouco era muito e a alegria era abundante, representava a esfera ideal das nossas refeições em família. Lembro-me de uma noite em que a energia elétrica faltou e jantamos à luz de velas. A diversão era imensurável, com sombras de animais brincando e dançando nas paredes e, de repente, o eco contagiante dos vizinhos anunciando o retorno da eletricidade: “Chegoooou! Eeeeh!”

Recordo também das longas conversas com minha mãe, seus ouvidos atentos, seu olhar terno e suas expressões de afeto enquanto realizávamos os afazeres domésticos. Eu costumava dizer: “Mãe, só saio daqui quando tiver 30 anos, minha própria casa, um carro e um bom emprego.” Ela, com um sorriso doce e sutil, respondia: “Filha, seria ótimo se fosse tão fácil quanto falar. A única coisa que cai do céu é chuva, e às vezes, pedras.”

No final das tardes, sentávamos juntas na calçada, fazendo planos e sonhando com um futuro que parecia se desdobrar como uma novela, de um capítulo para o outro. A cidade era pacata, e todos se conheciam. Sem a tecnologia para manter contato, sabíamos das novidades do vizinho através de visitas e longas conversas, acompanhadas de uma xícara de café e um pedaço de bolo ou lanches caseiros, sem muito alarde.

Quando finalmente comprei meu apartamento na capital da Paraíba, lembrei imediatamente da promessa feita à minha mãe. Não foi aos 30 anos, mas aos 29. Meu sonho de menina se concretizava, e meu novo lar refletia o que aprendi com ela. Cada detalhe — desde a organização da louça até a mania de limpeza dela — é uma herança de valores que carrego comigo. A cor dos móveis, a Bíblia na estante da sala, tudo ressoava com a essência do lar.

Foi durante o passeio pela feira que encontrei uma plaquinha de madeira com a frase: “Lar Doce Lar.” Esse foi o primeiro quadro que pendurei na parede da minha casa. Carregado de significados e valores, ele simboliza minhas raízes e minha jornada até aqui. Cada vez que olho para ele, lembro-me de tudo o que vivi e do quanto a base familiar nos edifica. O que tenho e o que sou é resultado de bons exemplos e da crença inabalável de que, com fé, nada é impossível.

FILHA, SEU CAFÉ!

/Wanessa Meireles dos Santos

Sob o céu estrelado, a memória de José ressurge com uma intensidade única. Toda vez que ouço Alceu Valença cantar "La Belle de Jour" e os versos “Eu lembro da moça bonita da praia de Boa Viagem / E a moça no meio da tarde / De um domingo azul...”, sinto como se aqueles dias jamais fossem os mesmos sem ele e sua inseparável caixa de som. Seus cabelos encaracolados, de tom oliva, e sua estatura imponente, de 1,80m, me envolviam em um abraço acolhedor antes de sair para o trabalho. Curiosamente, tanto eu quanto minha mãe percebemos que meu irmão João herdou muito de sua aparência.

A voz dele ainda ressoa na minha mente, chamando: "Filha, seu café!" Sua dedicação em preparar meu café da manhã, com vitamina de banana e pão francês, faz-me lembrar com carinho dos dias em que ser filha de José era um privilégio. No olhar protetor e afetuoso dele, recordo-me do dia em que precisei passar por uma cirurgia aos nove anos. Enquanto outras crianças eram acompanhadas por suas mães, eu tinha o apoio constante de meu pai, uma presença reconfortante em meio à sala cheia de pequenos e suas mães. Em meio a olhares curiosos, ele me ajudou a vestir o uniforme cirúrgico, deixando-me apenas com a calcinha chamada ‘bunda rica’.

Hoje, na casa onde vivo com minha mãe (Ana) e meu irmão João, ainda encontramos traços de sua vida em cada cerâmica e muro que ele construiu. Meu pai era um homem metódico, e talvez por isso eu me pareça tanto com ele.

Seu amor por aventuras e pelo futebol lhe trouxe tanto alegrias quanto desilusões. A busca incessante pela felicidade elevou-o e, ao mesmo tempo, marcou sua partida em 11 de abril de 2018, há seis anos. Em cada lar em que vivemos, uma parte de José permanece. Sua intensidade e amor pela vida preencheram nossa existência, mas também deixaram lacunas. Lembro-me da primeira casa em que moramos, atrás da casa da minha avó materna, onde seu instinto protetor quase causou um acidente com o cão da minha avó, quando ele mordeu meu pé. A sensação de esperar por seu retorno ainda persiste, especialmente às 05:30 de toda manhã, seu horário habitual de chegada do trabalho em João Pessoa, em direção a Sapé. Até hoje, nossa cadelinha Lôla ainda late como se esperasse por ele, mesmo que sua presença não seja mais real.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

E AGORA, JOSÉ? PODEMOS ANDAR JUNTOS?

/Ana Jussara C. da Silva

Recordo-me de como costumava passear pela rua onde cresci, sempre sob o olhar atento da minha mãe, que parecia ter olhos de coruja. Cumprimentava a todos com um sorriso, desde a senhora mais idosa da rua e seus quatro netos até uma mulher que morava na outra ponta da via.

Minha comunidade era vibrante e cheia de vida. Havia um campo improvisado no meio da rua, que se tornava um verdadeiro palco para nossas brincadeiras. Na calçada da dona Nadja, montamos apresentações improvisadas, enquanto os balanços feitos em galhos de árvores nos levavam a aventuras sem fim. Era como se tivéssemos uma grande praça integrada às nossas casas, e, aos domingos, eu passava longas horas no sítio da vizinha mais rica, onde a felicidade da infância parecia se multiplicar em cada canto.

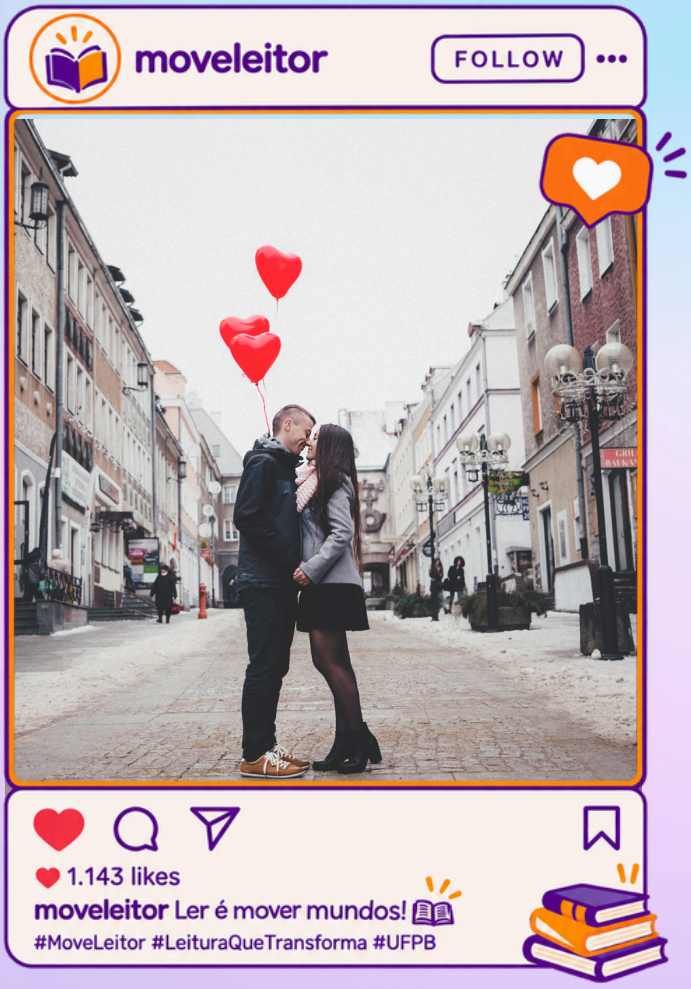
Todas as noites, as crianças da rua se reuniam em nosso grande campo para decidir qual brincadeira seria a escolhida da vez. A ansiedade pairava no ar: será que hoje jogaríamos baleada? Ou talvez um pega-pega animado? Nossas brincadeiras eram variadas, algumas alegres e rápidas, enquanto outras, como o cuscuz, podiam deixar marcas doloridas. Certa vez, José, um dos meninos que costumava brincar conosco, começou a chorar após levar uma bolachada nas costas de outro garoto. Era evidente que o ataque tinha sido intencional, uma forma de descontar os ciúmes que José havia causado ao abraçar uma menina pela qual o garoto estava apaixonado.

Aquela noite ficou marcada na memória, não apenas pela dor de José, mas pela complexidade das emoções infantis que se entrelaçavam em meio às nossas brincadeiras.

Foi nesse campo de diversão a céu aberto que vivi minha primeira paixão de adolescente. Aquela paixão inocente, que transformava o simples ato de pegar na mão da pessoa em uma fonte de felicidade e realização profundas. E, acredite, minha primeira paixão foi o José, o mesmo que levou a bolachada nas costas!

Na verdade, nunca passou de uma paixonite; nem mesmo trocamos um selinho naquela época. Apenas caminhávamos de mãos dadas pelas ruas, e, para minha surpresa, quase levei uma surra do meu pai por causa disso. Essas lembranças são repletas de uma inocência que hoje me faz sorrir, reavivando a magia dos momentos simples da adolescência.

Depois disso, eu e o José paramos de conversar e brincar juntos, sempre sob a ameaça de sermos vistos próximos um do outro. No entanto, a vida, que é uma verdadeira comediante, me surpreendeu. Anos depois, ao voltar à cidade para a despedida de uma amiga, reencontrei o José! Ele estava divorciado e tinha uma filha de dois anos. E, acredite, após esse reencontro, nos aproximamos e hoje somos um casal que divide o mesmo teto! Isso mesmo, depois de quase dez anos, nos encontramos novamente, lá, na mesma rua.



Acesse nosso **Instagram** pelo QR Code e acompanhe as novidades, produções e ações do **Projeto Desengaveta Meu Texto!**

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

O PATINHO FEIO (HANS CHRISTIAN ANDERSEN) /Glória Estefanie Santos

O Patinho Feio é um dos contos mais famosos do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado pela primeira vez em 11 de novembro de 1843. Este clássico da literatura infantil se destaca pela sua mensagem universal sobre identidade, aceitação e autodescoberta. A obra explora a jornada de um patinho que, inicialmente rejeitado por sua aparência, acaba por descobrir sua verdadeira identidade, transformando-se em um belo cisne. A narrativa toca profundamente questões sobre exclusão, perseverança e o valor da verdadeira beleza, que vem de dentro.

Hans Christian Andersen é um dos maiores escritores de contos de fadas de todos os tempos. Nascido em Odense, Dinamarca, em 1805, Andersen é conhecido por suas histórias que, ao mesmo tempo, encantam e provocam reflexões profundas sobre emoções humanas e questões sociais. Suas obras, como "A Pequena Sereia", "O Soldadinho de Chumbo" e "O Rouxinol", continuam a ser amplamente lidas e estudadas em todo o mundo. A edição utilizada para esta resenha foi publicada pela Editora Rideel, em 2015. Essa versão traz ilustrações que enriquecem a experiência de leitura, ajudando as crianças a se conectarem melhor com a história. A capa apresenta uma imagem representativa do conto, reforçando visualmente a transformação do protagonista. A história é narrada em terceira pessoa por um narrador observador e a linguagem utilizada é simples e acessível, ao mesmo tempo em que carrega uma profundidade que permite múltiplas interpretações.

A história começa com o nascimento de um patinho que é diferente de seus irmãos. Enquanto todos os outros patos são fofos e adoráveis, o patinho é feio, com uma plumagem cinza e aparência estranha. Ele logo se torna alvo de zombarias e rejeição, tanto dos outros animais da fazenda quanto de outros seres que encontra pelo caminho. Em busca de aceitação e tentando escapar das constantes humilhações, o patinho se afasta de sua família e se aventura por diferentes lugares.

Ao longo de sua jornada, o patinho enfrenta momentos de solidão e tristeza, mas nunca desiste de sua busca por pertencimento. A virada ocorre no final do inverno, quando, ao se olhar no reflexo de uma água congelada, ele percebe que não é um pato comum, mas sim um belo cisne. Os outros cisnes, ao perceberem sua verdadeira natureza, o acolhem, e ele finalmente encontra um lugar onde é aceito e admirado, vivendo feliz e em harmonia com sua verdadeira identidade.

A escrita do conto O Patinho Feio é clara, acessível e envolvente, permitindo que leitores de todas as idades se conectem facilmente com a narrativa. A simplicidade da linguagem, típica dos contos de fadas, não diminui a profundidade da mensagem transmitida, que permanece atemporal e universal.

A história traz uma reflexão poderosa sobre a aceitação das diferenças e a verdadeira essência de cada ser. O patinho, rejeitado pela sua aparência, nos ensina que a verdadeira beleza e aceitação vêm de dentro, e que perseverança e autoconfiança são essenciais para encontrar nosso verdadeiro lugar no mundo.

No entanto, além dessa valiosa lição, o conto também nos provoca a refletir sobre a passividade de certos papéis, como o da mãe do patinho. Sua atitude de não lutar pela defesa do filho frente às críticas e rejeições levanta questões sobre o papel da proteção e do apoio familiar. Por que ela não intervém para defender o patinho das agressões que ele sofre, nem tenta mostrar aos outros a verdadeira natureza de seu filho? A falta de ação da mãe, ao não questionar as convenções sociais que levam à exclusão do patinho, reflete uma crítica sutil sobre como, muitas vezes, as pessoas mais próximas se deixam moldar pelas pressões externas, contribuindo para a perpetuação de estigmas e preconceitos. Isso coloca em pauta a importância da atuação ativa e solidária, principalmente em momentos de exclusão, e a reflexão sobre os limites da aceitação passiva perante as normas sociais.

A jornada do patinho, assim, não só simboliza o processo de autodescoberta e superação da rejeição, mas também nos convida a questionar o papel de quem deveria proteger e amparar, levando à reflexão sobre como o apoio familiar e social pode influenciar o caminho de um indivíduo, especialmente nas situações de vulnerabilidade. A obra, portanto, transcende a questão da aparência e do preconceito, abrangendo a importância da ação e da defesa da identidade em um mundo que muitas vezes impõe rótulos e exclusões.

Recomendamos a leitura de O Patinho Feio para o público infantojuvenil, mas também para adultos que, de alguma forma, já enfrentaram ou estão lidando com processos de mudança, autodescoberta e aceitação. Na educação, O Patinho Feio pode ser trabalhado com turmas de diversas idades. Para crianças a partir de 6 anos, pode-se incentivar discussões sobre a importância da empatia e do respeito às diferenças. Para crianças maiores, o conto pode suscitar o debate sobre temas como bullying e padrões de beleza, estimulando debates e reflexões críticas. A moral da história é clara e impactante: não se deve julgar pelas aparências.

A narrativa de O Patinho Feio, de Hans Christian Andersen, vai muito além de uma simples história de transformação. Ao abordar temas como autoconfiança e perseverança, ela também convida o leitor a refletir sobre os efeitos do preconceito em múltiplas esferas da vida, especialmente nas relações familiares. O desprezo que o patinho sofre por ser diferente revela como a intolerância pode surgir desde os primeiros vínculos afetivos e se manifestar de forma cruel no seio da própria família.

A passividade da mãe, que não defende o filho diante dos ataques e zombarias dos demais, é particularmente significativa. Essa omissão evidencia um tipo de violência silenciosa: a negligência emocional. A falta de acolhimento e proteção materna levanta uma questão delicada sobre o papel da família como suporte diante da dor e da exclusão. Ao invés de um refúgio, o lar se torna mais um espaço de julgamento, intensificando o sentimento de inadequação.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

O BRUXO E O CALDEIRÃO SALTITANTE (J.K. ROWLING) /Ana Tamar S. Martins

J.K. Rowling, autora mundialmente reconhecida por sua famosa série Harry Potter, também nos apresenta em Os Contos de Beedle, o Bardo uma coletânea de cinco contos mágicos publicados em 2008. Essas histórias, embora curtas, possuem grande profundidade e, como o restante do universo de Harry Potter, abordam temas significativos de moralidade e reflexão. Entre os contos, destacamos O Bruxo e o Caldeirão Saltitante, que retrata a jornada de um bruxo egoísta que, após desconsiderar as necessidades de sua comunidade, é perturbado por uma panelinha mágica, que se torna um símbolo das consequências de sua indiferença, trazendo à tona questões sobre bondade, generosidade, responsabilidade e a importância de ajudar ao próximo. Os contos são ilustrados pela própria autora, e a inclusão de notas de rodapé ajuda a contextualizar muitos elementos da cultura bruxa. Além disso, a obra chamou atenção ao ser originalmente produzida em uma edição limitada com apenas sete cópias, cada uma escrita à mão por Rowling, sendo uma delas leiloada por um valor recorde, com os lucros destinados a uma campanha de caridade.

O Bruxo e o Caldeirão Saltitante conta a história de um velho bruxo bondoso que, com sua magia e uma panelinha encantada, ajuda a comunidade ao seu redor. Ao falecer, ele deixa seus bens para o filho, um bruxo egoísta que recusa a ajudar os vizinhos. O pai, prevendo essa indiferença, deixa escondida dentro da panelinha uma pantufa mágica, acompanhada de uma mensagem: "Afetuosamente, meu filho, na esperança de que você jamais precise usá-la". Ignorando o presente e seu significado, o filho se recusa a ajudar as pessoas até que a panelinha, acumulando os pedidos de socorro da aldeia, começa a se tornar cada vez mais barulhenta e insistente, imitando sons de sofrimento. Exausto, o jovem bruxo finalmente decide atender às necessidades dos outros, e a panela cessa o barulho, permitindo que ele se reconecte com os valores de generosidade que seu pai sempre praticou.

A coletânea Os Contos de Beedle, o Bardo apresenta narrativas que não só encantam como também nos fazem refletir sobre as complexidades da vida, mesmo no contexto mágico. O conto O Bruxo e o Caldeirão Saltitante, em particular, explora a moralidade através do dilema de um bruxo que, ao desconsiderar os outros, sofre as consequências de seu egoísmo.

A história trata da insensibilidade de uma figura privilegiada (o filho do bruxo) e de como ela pode ser transformada ao se confrontar com a realidade daqueles menos favorecidos. A magia aqui não é um simples elemento fantástico, mas uma metáfora para a responsabilidade e o poder do privilégio. Assim como os bruxos, muitas vezes aqueles com mais recursos têm a capacidade de ajudar, mas muitas vezes ignoram essa responsabilidade, seja na vida cotidiana ou no campo da educação, onde aqueles com maior acesso à formação têm uma vantagem significativa. Ao longo do conto, fica claro que a verdadeira magia está na capacidade de compreender o outro e ajudá-lo, transformando o egoísmo em empatia.

A história também faz uma crítica à relação entre os privilegiados e os marginalizados, representados pelos bruxos e pelos "trouxas", e como a verdadeira grandeza está em usar o poder para o bem comum. O conto, embora com uma narrativa simples, apresenta uma ironia e uma crítica social profundas, sendo uma leitura agradável e ao mesmo tempo desafiadora. Porém, poderia haver mais profundidade na transformação do filho, de forma que o leitor sentisse mais intensamente o seu processo de mudança.

O Bruxo e o Caldeirão Saltitante é um conto encantador que aborda temas como a generosidade, a empatia e a responsabilidade social, utilizando a magia como metáfora para o privilégio e as consequências do egoísmo na sociedade. É um livro indicado tanto para crianças e jovens, que podem refletir sobre a importância de ajudar o próximo, quanto para adultos, que encontrarão no conto lições valiosas sobre compaixão, altruísmo e o uso responsável dos recursos. A história é leve, envolvente e, ao mesmo tempo, proporciona uma reflexão profunda sobre o impacto das nossas ações e escolhas. Ideal para quem busca uma leitura que alia diversão e ensinamentos significativos, especialmente para pais que querem transmitir valores de solidariedade aos filhos.

A RAPOSA E O GATO (IRMÃOS GRIMM) /Felipe Bergantin Lopes

A Raposa e o Gato é um conto popular dos Irmãos Grimm, que retrata a história de uma raposa que se achava muito esperta e um gato que tinha a habilidade de subir em árvores. Os irmãos Grimm são amplamente conhecidos por suas coleções de contos de fadas baseados no folclore alemão. Jacob e Wilhelm Grimm publicaram diversas histórias imortalizadas no imaginário coletivo, como "Branca de Neve", "Cinderela" e "Chapeuzinho Vermelho". Essas narrativas, que exploram questões como moralidade, justiça e a natureza humana, foram inicialmente passadas oralmente e preservadas pela escrita. O conto faz parte da famosa coletânea Kinder-und Hausmärchen, publicada em 1812. A versão que lemos é uma tradução adaptada publicada em 2021 pela Camelot Editora, uma editora brasileira fundada em 2020 pelo Grupo On Line Editora. Especializada em filosofia, literatura clássica, autoajuda e obras infantojuvenis, a Camelot desempenha um papel importante na preservação e difusão de contos clássicos, tornando essas histórias acessíveis a novas gerações com qualidade e cuidado editorial.

O estilo de linguagem utilizado por Grimm é caracterizado por sua simplicidade e clareza, o que torna o conto acessível para o público infantil. A narrativa é direta, com diálogos que refletem a sabedoria popular e a astúcia dos personagens. A linguagem é rica em metáforas e simbolismos, permitindo que os leitores interpretem as lições morais de maneira profunda. O uso de elementos repetitivos e a construção de um enredo linear são características que facilitam a memorização e a transmissão oral das histórias.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Os personagens principais, a raposa e o gato, representam arquétipos clássicos da literatura. A raposa, frequentemente associada à astúcia e à esperteza, é um símbolo de inteligência e sagacidade. Por outro lado, o gato, que pode ser visto como um personagem mais ingênuo, representa a inocência e a vulnerabilidade. A interação entre esses dois personagens gera um conflito que é central para a narrativa, refletindo a luta entre a esperteza e a ingenuidade. A dinâmica entre eles também pode ser interpretada como uma crítica às relações sociais, onde a esperteza pode prevalecer sobre a inocência.

A capa do livro que contém o conto A Raposa e o Gato é em preto e branco, apresentando os dois protagonistas em uma floresta, ambos segurando um bastão. Essa ilustração não apenas captura a essência da história, mas também sugere uma atmosfera de aventura e mistério. Curiosamente, a raposa com bastão faz lembrar o personagem Mestre Splinter, das Tartarugas Ninjas, o que acrescenta uma pitada de humor à capa. Essa referência contemporânea pode atrair a atenção de leitores mais jovens, conectando o conto clássico a uma cultura pop mais atual.

A história apresenta um gato que encontrou uma raposa no bosque e decidiu cumprimentá-la, admirando sua inteligência. A raposa, orgulhosa, respondeu de forma arrogante, questionando o que o gato sabia e o que ele tinha a ensinar. O gato, modestamente, disse que sabia apenas escapar dos cães subindo em árvores. A raposa, que se considerava muito mais experiente, ofereceu-se para ensinar o gato a fugir dos cães. No entanto, um caçador apareceu com seus cães, e o gato rapidamente subiu em uma árvore, enquanto a raposa foi capturada. O gato, do alto da árvore, lamentou a situação da raposa, ressaltando que, se ela soubesse subir em árvores como ele, poderia ter se salvado. A história ilustra a importância da humildade e a sabedoria prática em situações de perigo.

A Raposa e o Gato transmitem uma crítica importante à arrogância e à falta de humildade. A raposa, que se considera esperta e superior ao gato, é derrotada pela sua própria falta de reconhecimento das próprias limitações. Em contrapartida, o gato, mais humilde, mas igualmente inteligente, sabe usar suas habilidades de maneira eficaz, conseguindo escapar do perigo. O conto sugere uma reflexão sobre a importância de reconhecer e respeitar as habilidades de cada indivíduo, um tema que ainda é muito relevante na sociedade moderna.
A história também reflete sobre as desigualdades sociais e como pessoas com condições favorecidas podem, muitas vezes, se achar superiores aos outros, desconsiderando as habilidades que outros possuem. Essa crítica social ainda é válida, pois as desigualdades continuam a ser um problema estrutural e social que precisa ser superado. O conto mostra que a arrogância pode levar à derrota, enquanto a humildade e o reconhecimento das limitações são fundamentais para o sucesso.

O conto se destaca pelo contraste entre os protagonistas: a raposa, que se julga superior devido à sua astúcia e múltiplos truques, e o gato, que, embora possua apenas um recurso para escapar do perigo, demonstra sabedoria ao usá-lo com eficácia. Essa dinâmica gera um desfecho irônico e reforça a ideia de que a prudência e a simplicidade podem ser mais valiosas do que a arrogância e o excesso de confiança.

A Raposa e o Gato transmitem uma crítica importante à arrogância e à falta de humildade. A raposa, que se considera esperta e superior ao gato, é derrotada pela sua própria falta de reconhecimento das próprias limitações. Em contrapartida, o gato, mais humilde, mas igualmente inteligente, sabe usar suas habilidades de maneira eficaz, conseguindo escapar do perigo. O conto sugere uma reflexão sobre a importância de reconhecer e respeitar as habilidades de cada indivíduo, um tema que ainda é muito relevante na sociedade moderna.

A história também reflete sobre as desigualdades sociais e como pessoas com condições favorecidas podem, muitas vezes, se achar superiores aos outros, desconsiderando as habilidades que outros possuem.

Essa crítica social ainda é válida, pois as desigualdades continuam a ser um problema estrutural e social que precisa ser superado. O conto mostra que a arrogância pode levar à derrota, enquanto a humildade e o reconhecimento das limitações são fundamentais para o sucesso.

O conto se destaca pelo contraste entre os protagonistas: a raposa, que se julga superior devido à sua astúcia e múltiplos truques, e o gato, que, embora possua apenas um recurso para escapar do perigo, demonstra sabedoria ao usá-lo com eficácia. Essa dinâmica gera um desfecho irônico e reforça a ideia de que a prudência e a simplicidade podem ser mais valiosas do que a arrogância e o excesso de confiança.

Além disso, o estilo narrativo dos Irmãos Grimm confere ao conto um tom envolvente, característico de suas reinterpretações dos contos populares. A história mantém uma estrutura ágil, diálogos diretos e uma ambientação clássica, o que permite que leitores do público infantil possam compreendê-lo com clareza.

Recomendamos A Raposa e o Gato, dos Irmãos Grimm, por sua riqueza literária e atemporalidade. Embora breve, o conto concentra elementos essenciais da tradição oral e da literatura dos contos de fadas, como a caracterização simbólica dos personagens e a presença de uma moral sutil, porém contundente. A raposa, com sua astúcia e arrogância, representa a sabedoria vaidosa e dispersa, enquanto o gato, modesto e direto, simboliza a simplicidade eficaz. A narrativa destaca, de forma crítica e lúdica, o valor do conhecimento aplicado com humildade frente à pretensão vazia de saber muito e agir pouco.

Além disso, o conto remete à importância das escolhas diante de situações de perigo, convidando o leitor a refletir sobre a eficácia da ação direta em vez da hesitação causada pelo excesso de alternativas.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

"PAI, ENTREI NA FEDERAL!"

/Haryane Silva Pereira



Meu nome é Haryane, tenho 25 anos, sou natural de São Paulo, mas moro na Paraíba há 22 anos. Vim para o Nordeste por conta de uma doença que tive na infância, e meus pais decidiram que aqui era melhor para o tratamento. Apesar dos desafios de saúde, vivi uma infância boa, com amigos, brincadeiras na rua, irmãos, uma infância cheia de sorrisos e amor.

Com três anos, entrei na escola e logo me encantei por ela. Era colorida, com flores, e tinha até uma mini praça no pátio. Adorava o cheiro da prova, que vinha do mimeógrafo.

Sempre fui aplicada, destacando-me entre meus colegas. Até pulei uma série por estar à frente da turma. Chegando no Ensino Fundamental I, conheci uma professora diferente das demais, a doce professora Josy, uma mulher inspiradora e forte. Claro que só nos dias atuais enxergo isso; na época, eu a via como alguém que ensinava e também nos dava carinho, amor, e reclamava quando necessário. Aprendi muito com ela, até dizia na época que queria ser professora. Mas ao longo do tempo, as coisas foram mudando.

Quando cheguei no Fundamental II e no Ensino Médio, minha vida deu aquele "boom". Aquela fase em que não estava mais tão encantada com a escola. Queria conhecer pessoas, lugares, sair com amigos.
Então começaram as notas apenas na média, pois apesar de querer tantas coisas, eu também não queria reprovar, e nem poderia, minha mãe era severa quanto aos estudos. Estudava o suficiente para não reprovar e saía para me divertir.

Chegou o momento em que a fase passou, que a vontade de ser professora foi esquecida e, enfim, o Ensino Médio foi concluído. E então, o que fazer agora? Foi o meu pensamento na época. Ninguém da minha família tinha entrado na faculdade, e eu queria ser a primeira.

Fiz o Enem por 3 anos consecutivos e não passei. Pensei que talvez não fosse para mim. Até que em um dia, conversando com meu pai, ele perguntou pelo Enem, e eu pensei: vou fazer mais uma vez. No meu pensamento, aquela seria a última. Então fiz a prova sem muitas expectativas. Na primeira chamada, não tinha passado, mas como a vida é uma roda gigante, fui selecionada na segunda chamada para o curso de Pedagogia que eu tinha colocado como opção no impulso. O resultado veio 30 dias após o falecimento do meu pai. Senti como se ele tivesse me indicado o caminho a seguir e gostaria de dizê-lo: "Ei, pai, entrei na federal!"

Os valores e crenças que sustentam meu desejo de ser uma professora incluem paixão pelo ensino, impacto positivo na sociedade, desenvolvimento pessoal e profissional, inspiração, equidade, empatia e colaboração. Esses princípios me guiam em uma prática diária e me motivam a fazer a diferença na vida de meus alunos.

Assim, dia após dia, embarco em uma jornada como professora, guiada por esses valores e crenças. Sei que haverá desafios pela frente, mas irei enfrentá-los de cabeça erguida, com o coração cheio de esperança e a mente aberta para novas possibilidades.

Sei que, no final da jornada, o verdadeiro tesouro de ser professora não está nas palavras escritas nos livros, mas sim nos corações e mentes daqueles a quem tenho o privilégio de ensinar.

Meu objetivo para o futuro na área da educação é continuar aprendendo e aprimorando minhas habilidades como educadora. Quero colaborar com outros profissionais da área e contribuir para a melhoria do sistema educacional como um todo. Desejo ser um agente de mudança positiva na vida dos meus alunos e na sociedade em geral, promovendo uma educação de qualidade e equidade para todos. Quero ser aquela professora que não dá para esquecer, ser referência, ser alguém que inspira a outra pessoa a ser sua melhor versão.

PEDAGOGIA: O TEMPERO DA VIDA

/Rayssa Trindade Rodrigues



Meu nome é Rayssa, tenho 22 anos, nasci na cidade de São Paulo (SP) e me mudei para João Pessoa quando tinha 4 anos. Fui criada pelo meu pai, a quem tenho como exemplo para a vida. Busco refúgio nos livros desde que aprendi a ler. Meu pai tinha muitos livros e sempre que a vida corrida permitia, tinha um nas mãos; até hoje é assim. Lembro-me de não conseguir ler em público, sempre fui muito tímida, e ler em voz alta me fazia gaguejar. Eu era uma menina de óculos, tímida, com poucos “amigos gente” e muitos “amigos livro”. Meu passatempo preferido (além da leitura) era explicar (para um público de no máximo 2 pessoas) sobre as coisas que lia, mesmo que não fossem bem verdadeiras (demorei para separar bem ficção de realidade).

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Sempre gostei da escola e de estudar (exatas nem tanto). Eu admirava profundamente cada um dos professores que tive, mas por muitos anos a ideia de adotar essa profissão como minha não passou pela minha cabeça.

O motivo? Além da timidez gritante, eu via os professores que admirava em posições degradantes, o barulho das salas de aula, o estresse diário; eu via como era doloroso ser professor. Por algumas vezes, testemunhei a exaustão de professores que choravam e adoeciam na sala de aula. As explosões emocionais com gritos realmente me impactaram. Quando cheguei ao Ensino Médio, eu queria tudo, menos ser professora.

Meu Ensino Médio foi integrado a um curso técnico de Gastronomia. Eu amo ingredientes exóticos e pratos diferentes e, nessa época, tinha acabado de descobrir essa paixão. Minhas aulas no curso de Gastronomia me fizeram criar um vínculo diferente com meus professores. Tive acesso a novas experiências; eu era amiga dos meus professores, desenvolvia projetos com eles, comecei a me engajar em movimentos estudantis, ter conversas sobre educação.

Aos poucos, a timidez foi cedendo um pouco do seu espaço para os debates do grêmio e a apresentação dos meus projetos. Os 4 anos de Ensino Médio foram reveladores, mas eu ainda não sabia o que queria fazer da vida.

Quando chegou a hora de aplicar para a universidade no SISU, eu só sabia que queria entrar na UFPB. Procurei pelas coisas que me imaginava estudando e me surpreendi quando Pedagogia me pareceu uma das melhores opções. Tinha nota para outras licenciaturas, teria entrado até na minha primeira opção, Relações Públicas, mas decidi que queria estudar educação. Iniciar Pedagogia na Universidade foi mágico, me alinhava perfeitamente com os conteúdos. Eu me encontrei entre as teorias da educação; hoje, no sexto período, me sinto cada vez mais encantada com o caminho profissional que escolhi trilhar.



EU SOU SOFIA: MEU DESEJO É EMBELEZAR O MUNDO!

/Sofia Raick Freitas

Sou Sofia Raick Freitas, uma jovem de 23 anos, professora de circo, artista e estudante de Pedagogia. Carrego comigo a herança de três gerações de professoras. Quero seguir seus passos, construindo um legado de acolhimento e transformação. Com estudo e dedicação, almejo educar para embelezar o mundo e a vida das crianças que cruzarem meu caminho. Desde cedo, o ensino e a docência estiveram presentes em minha vida, moldados tanto pela experiência escolar quanto pelo ambiente familiar. Minha mãe, minha tia e minha avó, todas professoras, inspiraram-me com seu amor e dedicação à arte de educar.

Lembro-me das salas de aula coloridas da minha mãe, decoradas para cada data especial ou projeto dos alunos, mesmo lecionando inglês.

Com essas influências em casa, sempre me vi brincando de ser professora. Na infância, a escola também contribuiu para despertar minha paixão pela profissão, com educadoras atenciosas que cruzaram meu caminho. Ao ingressar no Ballet, comecei a ensinar minhas colegas de turma e vizinhas, apaixonando-me pelo ato de transmitir conhecimento, mesmo que de maneira lúdica. Essas experiências revelam muito sobre quem sou.

As mulheres da minha família e as professoras de educação infantil que marcaram minha jornada são fontes de inspiração, sempre acreditando no poder da educação e valorizando a arte como parte essencial do processo de ensino.

Minha trajetória escolar no ensino fundamental e médio foi desafiadora. Enfrentei dificuldades em me adaptar ao ambiente escolar, com poucos amigos e uma sensação de desconforto. Após várias reprovações, concluí meus estudos pelo EJA, o que foi decisivo para meu desejo de seguir na área educacional. Acredito que a escola deve ser um ambiente criativo, acolhedor e transformador, priorizando o desenvolvimento integral dos alunos, muito além da preparação para vestibulares ou inserção no mercado de trabalho.

Ingressei na UFPB pelas vagas remanescentes, escolhendo a Paraíba para minha formação em Pedagogia e para estar mais próxima das culturas populares locais. Apesar dos desafios estruturais e de meus próprios receios, encontro realização na educação, pois é o único lugar onde me sinto completa.



Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

LITERATURA EM CENA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

/Alâna Evangelista da Silva

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal da cidade de João Pessoa, na Paraíba, em 2024. O estudo aconteceu durante o estágio obrigatório. Nesse processo de descobertas e aprendizado, surgiu em mim um grande interesse em entender se a instituição incentivava o hábito da leitura entre seus alunos, principalmente porque pude notar que a biblioteca era pouco utilizada pelos alunos, muitas das vezes sendo apenas um depósito de livros, pouco ou quase nada explorado.

Santos e Santos (2023, p. 175) afirmam que:

> A biblioteca escolar deve favorecer a pesquisa, as competências e habilidades informacionais com intuito de formar leitores, desenvolver a capacidade de pesquisa e favorecer a imaginação e a aprendizagem no ambiente escolar.

Dessa maneira, reconhecendo a grande importância da literatura para o desenvolvimento social, cognitivo e intelectual das crianças, propus investigar de que forma a escola trabalhava a literatura em sala de aula. Já é sabido que a leitura ajuda em diversos campos sociais e cognitivos da criança, dessa forma é notório a importância de que se tenha uma biblioteca dentro do espaço escolar, e de que ela seja utilizada pelos alunos, através da mediação do professor ou não. Dessa maneira, sobre o acesso à literatura, Rodrigues (2020, p. 14) afirma que:

> Os escritores escreviam, mas apenas determinados grupos favorecidos como os filhos dos aristocratas e da alta burguesia, tinham acesso aos livros. Até ao século XVII, as crianças participavam na vida adulta e não havia a necessidade de reconhecer um tipo de literatura para a sua faixa etária. É nesta época que o texto escrito se difunde face ao texto oral e surge a literatura direcionada ao público infantil. No entanto, ao longo deste período passou a haver uma preocupação com a educação das crianças e a literatura para a infância passou a ter como objetivo instruir as mesmas, isto é, passou a ser utilizada com cariz pedagógico e educativo

Diante desse panorama histórico, tornou-se ainda mais interessante observar como, atualmente, a literatura infantil vem sendo aplicada no ambiente escolar e de que maneira ela contribui para o desenvolvimento das crianças dentro da sala de aula.

Com esse interesse em mente, durante o estágio, busquei compreender como essas práticas se manifestavam no cotidiano escolar. Sendo este o meu primeiro estágio obrigatório — e, portanto, meu primeiro contato direto com a sala de aula —, procurei observar atentamente o ambiente escolar, com o objetivo de compreendê-lo melhor. Ao longo dessas observações, percebi que o contato precoce com os livros e com a escuta de histórias é fundamental para o desenvolvimento infantil. Rodrigues (2020) reforça essa perspectiva ao afirmar que a criança deve ter a oportunidade de manusear livros desde cedo, para que desenvolva uma relação com eles. Segundo a autora, a escuta de histórias também deve ser iniciada o quanto antes, pois contribui para o desenvolvimento da audição e da linguagem.

Dessa maneira, minha primeira intenção foi pensar em um projeto educativo que se conecta tanto com os alunos, de forma didática e significativa quanto com os professores, de forma reflexiva e colaborativa, estimulando uma prática mais integrada ao uso da literatura infantil no dia a dia escolar. A proposta surgiu da necessidade de pensar estratégias que despertassem o interesse pela leitura desde os primeiros anos da infância, valorizando o livro como fonte de prazer, descoberta e construção de conhecimento. Hermes e Kirchner (2018, p. 2) reconhecem que:

> Na influência mútua da criança com a obra literária está a riqueza dos jeitos formativos nela proporcionados de maneira fantástica, lúdica e figurada. A ativação dessa interação, através de procedimentos pedagógicos adequados, leva a criança a uma maior compreensão do texto e um proveito mais abrangente do contexto

Com base nisso, foi idealizado um projeto que unisse leitura, escuta, produção oral e escrita, respeitando as singularidades de cada criança e buscando construir um ambiente acolhedor e alfabetizador por meio da literatura.

O projeto teve início a partir de uma reunião realizada com os professores e a equipe pedagógica da escola, momento em que foi apresentada a proposta de investigar e estimular o uso da literatura infantil como ferramenta educativa no ambiente escolar. Durante o encontro, compartilhamos nossas intenções e ouvimos as contribuições dos profissionais que já atuavam na instituição, o que possibilitou uma construção coletiva mais coerente com a realidade da escola.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Assim, a partir desse diálogo, foi definido algumas ações práticas a serem desenvolvidas com as turmas, respeitando a faixa etária das crianças e os conteúdos que já estavam sendo trabalhados pelas professoras. O que ficou acordado foi que cada professor(a) escolheria uma obra literária e teria liberdade para abordá-la de forma significativa com seus alunos, de acordo com seus objetivos pedagógicos e a dinâmica de cada turma.

Após esse momento inicial, os professores tiveram uma semana para trabalhar as obras literárias com suas respectivas turmas. Cada profissional conduziu a atividade de forma única, o que me surpreendeu positivamente. Foi possível perceber que os alunos já estavam bem habituados com essa rotina, o que confirmou que a instituição, de fato, utilizava a literatura de forma ativa e significativa no cotidiano escolar.

Nesse sentido, esse tipo de prática favorece a apropriação do sistema de escrita, uma vez que, para além do contato com o código, é essencial que a criança esteja inserida em um ambiente onde adultos façam uso significativo da linguagem escrita e atuem como mediadores da cultura (Costas; Ferreira, 2011).
Em consonância com essa ideia, a maioria das professoras desenvolveu propostas pedagógicas a partir das obras escolhidas. Uma delas, por exemplo, utilizou o conto os três porquinhos como base para discutir os diferentes tipos de moradia, promovendo reflexões a partir da história. Outra professora escolheu o clássico O Menino Maluquinho, de Ziraldo, e após a leitura coletiva, propôs que cada criança criasse sua própria obra literária. Essas foram algumas das estratégias utilizadas, revelando criatividade, intencionalidade pedagógica e o envolvimento das crianças nas atividades.

Ademais, houve também a exposição dos trabalhos realizados. Cada aluno pôde apresentar sua produção da maneira que desejasse, expressando sua criatividade e interpretação da obra trabalhada. Em uma das turmas, por exemplo, a professora leu o livro O Gato e a Pedra, de Fernando Pires. Após a leitura, os alunos foram convidados a criar suas próprias capas para a história e a ilustrar suas "pedras" usando diferentes cores, materiais e estilos. A proposta possibilitou múltiplas formas de expressão, respeitando o ritmo e a imaginação de cada criança.
De acordo com Werlang (2005, p. 9):

> A escola pode contribuir para o desenvolvimento da expressividade, da criatividade e da liberdade de todos, porque, mesmo que a estrutura familiar não o tenha feito, ainda há oportunidade de contribuição na escola, a qual pode investir na integralidade dos seres

Dessa forma, observa-se que o ambiente escolar pode ser um importante impulsionador da criatividade e da expressão individual, especialmente quando é o único espaço a proporcionar tais experiências às crianças.

Vivenciar esse potencial transformador foi algo marcante para mim, pois, como estagiária, pude acompanhar de perto esse processo por meio da observação participante, o que me permitiu uma imersão mais sensível e significativa nas práticas escolares.

Segundo Minayo (apud Marques, 2016 p. 277):

> Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente

Para finalizar o projeto, cada turma pôde expor suas criações em uma culminância realizada na própria escola, numa sexta-feira, como encerramento simbólico de todo o processo vivenciado ao longo das semanas.

Assim sendo, está culminância foi um momento especial, pois permitiu não apenas a valorização das produções dos alunos, como também a participação ativa dos professores e da comunidade escolar, fortalecendo os vínculos entre escola, criança e literatura.

Foi possível perceber o orgulho e a empolgação das crianças ao apresentarem seus trabalhos, o que reforça a importância de projetos que valorizam suas vozes, criações e interpretações.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) destaca a importância de se promover o uso de diferentes linguagens — oral, escrita, corporal, visual, sonora e digital — como forma de expressão, construção de sentidos e partilha de experiências no ambiente escolar.

Do ponto de vista qualitativo, observou-se um aumento significativo no interesse dos alunos pelas atividades de leitura, escuta e produção oral. Além disso, o projeto impulsionou a presença da leitura e da literatura no ambiente escolar, despertando, inclusive entre os profissionais, uma maior consciência sobre sua importância para o desenvolvimento integral dos estudantes, bem como para a construção de um ensino mais significativo.

Cabe ressaltar ainda que, os alunos se mostraram entusiasmados durante todo o processo, desde a criação das atividades até o momento de compartilhamento de suas produções. Foi possível perceber a empolgação das crianças nos momentos de contação de histórias, em que participaram com perguntas, comentários espontâneos e expressaram grande envolvimento com os enredos apresentados.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Revelaram, ainda, criatividade e originalidade nas produções propostas, como ilustrações, recontos e releituras. Além disso, notou-se um fortalecimento da autonomia e da expressão individual, pois cada criança teve a oportunidade de criar, interpretar e apresentar de acordo com suas ideias, experiências e repertórios pessoais.

Ainda que não tenham sido utilizados instrumentos quantitativos formais, foi possível, por meio dos registros das professoras e da minha própria observação, constatar que uma expressiva parcela das crianças participou ativamente das atividades e respondeu de forma positiva às propostas.
Vale destacar que a diversidade das produções — capas ilustradas, recontos orais, dramatizações, desenhos e criações autorais — evidenciou não apenas o envolvimento coletivo, mas também o impacto positivo do projeto na rotina escolar.

Essa vivência me deixou profundamente empolgada e convicta do valor que a literatura tem como ferramenta pedagógica transformadora.

Por fim, viver essa experiência como estagiária foi, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes da minha trajetória na formação docente. Participar de um projeto que uniu leitura, imaginação e expressão, e perceber o quanto a literatura pode transformar o cotidiano escolar, foi extremamente enriquecedor. O envolvimento dos alunos, a abertura dos professores e o apoio da equipe pedagógica mostraram que é possível desenvolver práticas educativas significativas mesmo em meio aos desafios da rotina escolar. Mais do que aplicar uma proposta, esse processo me ensinou sobre escuta, respeito ao tempo de cada criança e sobre o poder das palavras na formação dos sujeitos. Ao observar de perto as reações das crianças diante dos livros, das histórias e das atividades criadas a partir delas, compreendi que a literatura é, de fato, um caminho potente para a construção do conhecimento, da sensibilidade e da autonomia. Essa vivência confirmou meu desejo de seguir na área da educação com ainda mais compromisso e sensibilidade. Levo comigo não apenas os aprendizados pedagógicos, mas também as trocas humanas que esse projeto proporcionou. Acredito que, enquanto educadora, minha missão será garantir que a literatura esteja sempre presente no cotidiano escolar — não como um luxo, mas como um direito.



Fabrini Katrine

Patrícia Rosas

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto; FERREIRA, Liliana Soares. **Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura.** Revista Iberoamericana de Educación, v. 55, p. 205-223, 1 jan. 2011. Organizacion de Estados Iberoamericanos. DOI: https://doi.org/10.35362/rie550532.

HERMES, Vaniele Solange; KIRCHNER, Elenice Ana. **A Importância da Literatura Infantil no Processo de Aprendizagem na Infância**. São Vicente: Centro Universitário FAI, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia. Disponível em: https://eventosantigo.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/semic2019/1124.pdf. Acesso em: 7 jul. 2025.

MARQUES, Janote Pires. **A "observação participante" na pesquisa de campo em educação**. Educação em Foco, v. 19, n. 28, p. 263-284, 20 ago. 2016. DOI: https://doi.org/10.24934/eef.v19i28.1221.

RODRIGUES, Sara Maria Oliveira. **Era uma vez... a importância da literatura para a infância.** 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Minho, Portugal, 2020. Disponível em: https://www.proquest.com/openview/1f039d4e994580b7b258e360af1411de/1?pqorigsite=gscholar&cbl=2026366&d=y. Acesso em: 7 jul. 2025.

REVISTA DIGITAL

Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse o portal oficial da **Revista FALA TU!**

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

ONDE O VENTO LÊ A TERRA: PAISAGENS SONORAS E ALFABETIZAÇÃO EM EXPERIÊNCIAS ENTRE O VALE DO MAMANGUAPE E O LITORAL PESSOENSE

Arthur Vale do Nascimento
Maria de Fatima Cavalcanti da Silva
Matilde Braga de Souza

Introdução

A alfabetização, compreendida em sua dimensão social e cultural, demanda a ampliação do olhar para além da aquisição técnica do sistema de escrita, incorporando práticas de letramento que emergem das experiências concretas das crianças em seus territórios. As contribuições de Magda Soares, discutidas por Lopes e Ximenes (2024), reforçam a indissociabilidade entre alfabetização e letramento, situando o processo formativo nas práticas sociais da linguagem. Em diálogo com essa perspectiva, Paulo Freire (1989) afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, indicando que os sujeitos constroem sentidos a partir das vivências que atravessam seu cotidiano. Considerando ainda as discussões sobre letramento e suas relações com elementos sonoros, Marcos e Coutinho (2024) ampliam a compreensão das múltiplas mediações que participam da construção inicial da leitura. Nesse contexto, o presente estudo investiga de que maneira as paisagens sonoras do Vale do Mamanguape e do Litoral Pessoense podem atuar como mediadoras na construção dos primeiros sentidos de leitura e letramento em crianças do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental. A partir de uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, realizada em uma escola pública da zona rural de Mamanguape-PB e em uma escola pública da área urbana de João Pessoa-PB, busca-se compreender como as práticas de "leitura sonora" do ambiente escolar e comunitário influenciam a percepção de mundo das crianças em contextos territoriais distintos, tomando a paisagem sonora como dimensão constitutiva da experiência cultural (Pinto et al., 2018) e como elemento potencializador de processos formativos situados.

Reflexões Teóricas

A compreensão do letramento como prática social implica reconhecer que a aprendizagem da leitura e da escrita se constrói em interação com os contextos culturais nos quais a criança está inserida. Ao retomarem as contribuições de Magda Soares, Lopes e Ximenes (2024) destacam que alfabetizar e letrar são processos indissociáveis, uma vez que a apropriação do sistema de escrita ocorre articulada às práticas sociais de uso da língua. Nessa perspectiva, o desenvolvimento das habilidades linguísticas não se restringe à codificação gráfica, mas envolve experiências significativas que mobilizam sentidos, memórias e vivências cotidianas.

Tal compreensão aproxima-se da concepção freiriana de educação como prática situada. Para Freire (1989), a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, o que pressupõe que os sujeitos constroem interpretações a partir de sua inserção histórica e cultural. Em sua obra Educação como Prática da Liberdade, Freire (1967) reforça que a formação humana ocorre na relação com o mundo vivido. Assim, elementos sensoriais presentes no cotidiano, inclusive os sons, podem ser compreendidos como mediações que participam da constituição dessa leitura primeira da realidade e que antecedem e atravessam o processo formal de alfabetização. Ao considerar a paisagem sonora como parte da paisagem cultural, amplia-se a análise dos processos formativos nos anos iniciais.

Conforme discutem Pinto et al. (2018), os sons característicos de determinado espaço contribuem para delinear identidades e modos de vida, integrando memória, cultura e experiência social. Nesse sentido, a paisagem sonora pode ser compreendida como dimensão sensível do território que favorece a construção de sentidos e a ampliação das experiências de leitura no Ciclo I do Ensino Fundamental. Análise crítica A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas situadas em contextos distintos (uma na zona rural de Mamanguape-PB e outra na área urbana de João Pessoa-PB) sem utilização de registros audiovisuais, fundamentando-se em observações sistemáticas das interações infantis com os sons do entorno.

No contexto rural, destacaram-se referências como o contato sonoro com animais (vacas, bodes, cabras e cães), o sino de bicicleta e manifestações culturais como o batuque do carnaval (La Ursa), compondo uma ambiência vinculada à vida comunitária e ao ritmo do campo. Já no espaço urbano, prevaleceram buzinas, carros de som, vozes em intensidade elevada e toques de telefone celular, configurando um cenário marcado por maior sobreposição sonora e dinamismo. Essas diferenças evidenciaram que as paisagens sonoras operam como mediadoras na construção dos sentidos iniciais de leitura, uma vez que acionam repertórios simbólicos distintos e influenciam as formas como as crianças narram, interpretam e organizam suas experiências.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

À luz de Freire (1989), pode-se afirmar que tais vivências, nesses dois contextos, apesar de distintos, integram a leitura de mundo que antecede a leitura da palavra, reforçando que a alfabetização se constitui em diálogo com o território vivido ou seja, com as práticas de letramento. Assim, a escuta do ambiente escolar e comunitário revelou-se elemento formativo que articula identidade, cultura e aprendizagem, indicando que a paisagem sonora participa, de modo situado, da constituição dos primeiros processos de letramento.

Considerações

A análise das experiências desenvolvidas nos contextos rural e urbano indica que as paisagens sonoras constituem dimensões formativas relevantes na construção dos primeiros sentidos de leitura e letramento, ao integrarem a leitura de mundo que antecede e atravessa a aprendizagem formal da escrita. Ao evidenciar que os sons do território, sejam eles vinculados à vida comunitária do campo ou à dinâmica acelerada da cidade, participam da organização simbólica da experiência infantil, o estudo reforça a compreensão da alfabetização como prática situada, culturalmente mediada e sensível ao espaço vivido. Assim, reconhecer a escuta como dimensão pedagógica amplia as possibilidades de atuação nos anos iniciais, articulando território, identidade e formação em uma perspectiva de letramento contextualizado.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LOPES, Limerce Ferreira; XIMENES, Priscilla de Andrade Silva. Contribuições de Magda Soares para as políticas e práticas de alfabetização e letramento no Brasil. **REASE,** v. 10, n. 6, 2024.

MARCOS, Roseli; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. Letramento na Educação Infantil. REASE, v. 10, n. 6, 2024.
PINTO, Rodrigo A. S. et al. Paisagem cultural e paisagem sonora histórica. In: 5º **Colóquio Ibero-Americano**, Belo Horizonte, 2018.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Acesse o **QR Code** e curta a trilha sonora do nosso **SARAU LITERÁRIO DE LINGUAGEM E INTERAÇÃO.**



TIA LUA

/Aldenora Giovana da Silva



Em 2020, eu passava muito tempo na casa da minha tia. Uns a chamavam de Neide, outros de Rosineide. Para mim, ela sempre foi Tia Lua. Todo sábado era dia de feira. Eu, preguiçosa, fingia que ia dormir até mais tarde, como se isso fosse me livrar da rotina. Mas não adiantava: antes mesmo de abrir os olhos, o cheiro da tapioca de coco já me alcançava. Resistir era impossível. Acordar assim era como ser sequestrada pela barriga, e Tia Lua era mestra nesse tipo de crime.

Nossos dias tinham um ritmo que hoje parece cena de filme: arrumar a casa, inventar brincadeiras, passar a tarde vendo filmes e, no fim, o bolo baeta dela saindo do forno. Ela tinha o dom de transformar rotina em mistura de aconchego e festa. O problema era quando eu tinha que voltar para casa.

Sempre vinha aquele aperto no peito, a vontade de ficar mais. E, antes de eu sair, ela repetia a mesma frase: — Não se esqueça de mim! Eu ria e respondia que era impossível. Como esquecer alguém que te acorda com coco ralado e goma quentinha? Hoje entendo melhor aquele pedido. Quem teme ser esquecido é justamente quem mais se esforça para deixar marcas. E ela deixou tantas. Longe da minha mãe, foi ela quem me cuidou como filha. E isso não se apaga.

Tia Lua já não está mais aqui, mas errou quando pensou que um dia poderia ser esquecida. Como esquecer quem nos ensinou que carinho também se serve no prato, que cuidado cabe numa tarde de filmes, que amor pode ter cheiro de bolo recém-saído do forno? Todas as noites, quando olho para o céu, vejo a lua e lembro dela. E é engraçado... às vezes até sinto o gosto da tapioca de coco e do seu bolo de baeta que ninguém jamais conseguiu superar.

NÃO GARANTO NADA, APENAS MEXERICA!

/Ana Graziely Araujo Freire Silva



Era feriado de aniversário da cidade de João Pessoa, na Paraíba, uma terça-feira que parecia ter acordado de bom humor. Consegui uma folga do trabalho e, do nada, decidi: hoje vou tomar banho de mar. Mas aí veio a realidade: com quem? Lembrei da minha prima, a coadjuvante oficial das minhas loucuras. Liguei. Ela atendeu e, antes mesmo de eu terminar a frase, já disparou um "vamos". Dinheiro? Só o saldo da passagem no cartão do ônibus. Mas, quando a vontade é grande, até ônibus sacolejando vira Uber Black.

Chegando lá, o mar estava lindo, daqueles que parecem abraçar sem pedir nada em troca. Enquanto chupava minha laranja-cravo, com o suco escorrendo pelos dedos, comecei a filosofar com minha prima sobre a vida, o futuro, essas coisas que só fazem sentido quando a gente encara o infinito. Mas, como toda conversa de praia, caímos no tema inevitável: o amor. E amor, vou te contar, é tipo Wi-Fi público: todo mundo diz que funciona, mas na hora de usar... só dá falha de conexão. Foi aí que minha prima, toda vidente de novela mexicana, olhou para trás e decretou: — Esse aí vai ser o amor da sua vida. Virei e vi um cara. Um cara não — um poste de quase dois metros, paulista, forte, com cara de quem estaciona de ré sem errar.

Gargalhei alto, tentando disfarçar o nervosismo. Mas, adivinha? Ele volta, olha pra gente e pergunta, todo educado: — Posso deixar minhas coisas aqui enquanto dou um mergulho? Por dentro, eu só pensava: "Pronto, é agora que minha vida vira roteiro de comédia romântica barata." Ele foi, nadou, voltou e começou a conversar com a gente.

No meio da prosa, ofereci minha laranja-cravo. Ele aceitou e, como cena de filme, me ofereceu uma mexerica que trazia, pura coincidência. Até aquele dia, eu nem sabia que mexerica era só outro nome pra laranja-cravo. Ele riu da minha cara, eu ri da dele, e a vida seguiu naquele tom de verão.

No fim, ele se despediu, pegou as coisas e foi embora. Nada de número, nada de Instagram, nada de "até mais". Só foi. Hoje, de lembrança, só restou a casca da tal mexerica, esquecida na porta da minha geladeira. Toda vez que vejo aquela casca, penso que a vida é isso mesmo: um monte de histórias que começam com um banho de mar e terminam com uma fruta cítrica que você não sabe se come ou guarda.



APAGANDO OS RASTROS DO CAFÉ

/Hugo Dárlyson de Araújo Andrade

O ano era 2005 quando meu avô derramou café no braço da poltrona velha, e minha avó veio resmungando com um pano na mão, enquanto ele ria como se nada tivesse acontecido. A cena parecia um duelo silencioso: de um lado, a mancha escura se espalhando como se quisesse conquistar o couro e suas rachaduras; do outro, minha avó, armada com o pano, tentando salvar a poltrona como quem enfrenta um incêndio.

No fim, só restou o rastro do cheiro de café queimado e a risada dele, que assistia em plena segunda-feira, um episódio do Pica-pau. Dentro da casa dos meus avós havia aconchego, construção, um lar que parecia guardar o mundo inteiro.

Do lado de fora, havia uma rua cheia de perigos invisíveis, como a transformação da mulher barata, o velho do saco, a cumade fulorzinha e até mesmo a loira do banheiro. Hoje, olhando as fotografias, penso que aquela sala não foi apenas um cenário, mas um abrigo, um lar, palco de histórias que atravessam as gerações dos anos 2000 da família Andrade.

Foi ali que aprendi que a felicidade se esconde nas pequenas coisas, seja no cheiro do café recém passado, no barulho da TV chiada, ou até mesmo na bronca leve da minha avó. Revisitar essas cenas do cotidiano dos meus avós é como abrir a porta de vidro do rack da sala, onde se guardavam os santinhos cercados de terços do meu avô, as pilhas de livros, os recortes de fotografias, os anjinhos de cerâmica, o vaso com rosas artificiais e até as garrafas de cachaça que repousavam ali há anos.

Cada objeto carrega uma história e, juntos, formam um portal mágico que, ao ser atravessado, multiplica os sentimentos e traz de volta detalhes simbólicos esquecidos. Tudo foi moldado com amor, até mesmo os mínimos detalhes, como a parede azul que combinava com o porta-retrato de Dona Maria e Seu Elias — símbolos que hoje representam resistência, afeto, gargalhadas e ternura.



O TOMATE QUE NÃO VINGOU

/Thais Batista Tavares de Araújo

Era uma manhã qualquer na nossa casa quando, como de costume, acordei cedo para preparar o café de Paulo, meu ex. Ele tinha uma paixão inusitada: plantar tomates. Sim, tomates! Ele achava que ia virar agricultor urbano e transformar nosso quintal num pomar.

Eu, na minha rotina, cuidava da casa, enquanto ele cuidava dos seus preciosos pés de tomate. Certa noite, Paulo chegou tarde em casa. Fiquei desconfiada e curiosa, então, peguei o celular e vi umas mensagens que me indignaram: ele estava dando em cima de outras mulheres e prometendo levar tomates para elas. Que cantada traiçoeira!!! Para mim foi o estopim.

No dia seguinte, em vez de preparar o café, peguei a tesoura e parti para a vingança: arranquei todos os tomates do pé — verdes, maduros, pequenos, grandes e até os que ainda estavam pensando em nascer. Não deixei nenhum. Foi quase um massacre agrícola.

Afinal, se Paulo queria distribuir tomates por aí, que fosse plantar sua horta em outro quintal. E, para não sair de mãos abanando, levei comigo os tomates sobreviventes, como quem fica com a guarda dos filhos depois da separação. Para provar que aqueles frutos valiam muito mais do que meu ex, preparei um jantar digno de chef para o meu novo namorado, que, ao contrário de Paulo, sabe me valorizar.

Depois de tudo, percebi que aquele pé de tomate não era apenas uma planta. Era o retrato da minha paciência, que foi crescendo e amadurecendo até que eu mesma não aguentei mais e passei a tesoura. Porque, no fim das contas, a vida também é isso, saber a hora de cortar o que já não faz bem e abrir espaço para recomeçar.



Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

ENTRE O ARROZ E O FEIJÃO, MAINHA

/Ariel Katellin Bezerra de Farias



No balanço do ônibus a caminho da universidade, ou na motocicleta a caminho do trabalho, a comida da marmita dança de um lado para o outro. Todos os dias, o ritual se repete: o potinho, que veda bem, como ela faz questão de mencionar, com um talher envolvido no papel toalha. Mas, às vezes, é diferente. Em dias pesados, cheios de preocupações e cansaço, o ritual muda. E é nesses dias que torço para abrir a marmita e conferir o talher. Mainha tem um jeito particular de me salvar nos dias difíceis.

Com um pequeno bilhete, escrito às pressas no papel toalha, enquanto eu encho a garrafa de água para pôr na mochila e corro para pegar o ônibus, ela me faz agradecer pelo cansaço, esquecer as preocupações e reconhecer que elas não me definem. É sempre assim: tiro a marmita e lá está o garfo, enroladinho, inocente, sem sequer imaginar que irá me puxar das garras da pressão psicológica e da autocobrança. Quando desenrolo, me deparo com: "Tenho orgulho de você, princesa de Mainha." Outras vezes, diz: "Você é mais capaz do que imagina." E ali, sentada naquela cadeira azul, entre uma garfada e outra, meus olhos parecem ganhar um pouco mais de cor.

O dia perde a urgência, a vida fica mais leve. Porque Mainha, com seu jeito único de cuidar de todos, lembrou de mim no meio de sua correria e decidiu que eu não precisaria enfrentar o dia sem um pedacinho de amor embrulhado no talher. Ela diz ao mundo que virei adulta, e eu até concordo. Mas há horas em que me apoio nesses papéis toalha e penso no quanto eu gostaria de chegar em casa, deitar no seu colo e ouvir aquela canção: "Amar como Jesus amou."

Eu fingia que ela me fazia dormir só para ouvi-la cantar um pouco mais. E, se ela soubesse, cantaria todos os dias. Hoje, com a vida adulta tomando conta das horas, nosso carinho mudou um pouco. Agora é no cuidado diário, uma com a outra. É nas conversas de madrugada, quando só os galos testemunham nossas confissões, nossas parcerias de sempre. Mas o mais interessante é que, apesar de tudo, eu sempre posso voltar para casa, deitar no seu colo e ouvi-la cantarolar. E, nos dias corridos e pesados, quando não dá para cantar ou abraçar, ela transforma esse amor todo em um simples bilhete, escrito às pressas no papel toalha.

O ARMÁRIO QUE DESALINHOU OS CHAKRAS DA CASA

/Maria Dayane Lira Dantas

Dizem que uma casa tem alma. Eu acrescentaria que ela também tem chakras. E posso afirmar, com a propriedade de quem viveu essa experiência, que basta um armário de cozinha quebrar para tudo dentro da casa entrar em colapso.
E tudo começou porque o nosso antigo armário de cozinha já estava velhinho, caindo aos pedaços. As portas fechavam quando queriam, havia gavetas sem a parte da frente, e a estrutura parecia desafiar as leis da gravidade. Era apenas uma questão de tempo até ele desistir de vez da missão de sustentar panelas, pratos e mantimentos. Quando surgiu uma brechinha no cartão de crédito, vimos ali a oportunidade de comprar um armário novo. Pesquisamos preços, qualidade, medidas e design até encontrarmos "o armário".

Era perfeito para a nossa cozinha e, principalmente, para o meu coração. Passava um pouco do orçamento, mas fizemos das tripas coração e compramos. Parcelado em doze vezes, porque, parcelado, a gente compra até a Lua. O vendedor garantiu que, em cinco dias úteis, ele estaria em casa. Só que os cinco dias passaram. Depois vieram mais alguns. Passei horas falando com a loja que, quando respondia, era apenas para inventar uma nova desculpa. A cada contato surgia uma justificativa diferente, enquanto o armário continuava sendo apenas uma promessa. Foi aí que os chakras da casa se desalinharam de vez. Eu discutia com meu esposo e, logo depois, chorava porque queria aquele armário, e não outro qualquer. Meu esposo dizia que deveríamos ter pesquisado mais antes de fechar a compra.

Nosso filho, sentindo toda aquela energia caótica, resolveu entrar no clima: ficou hiperativo, passou a gritar pela casa e a responder a tudo em tom de protesto. Parecia que o atraso de um simples móvel havia aberto um portal para o caos doméstico. Depois de muito desgaste, meu esposo foi à loja decidido a cancelar a compra. Chegando lá, recebeu a informação de que ela já havia sido cancelada... sem nunca ter sido. Depois de muitas conversas com gerente, vendedor e entregadores, voltou para casa com uma nova data de entrega, uma peça do mostruário — porque a original já não existia mais em estoque — e a promessa de um montador gratuito.

O armário finalmente chegou. A peça do mostruário, porém, meu esposo precisou buscar em outra cidade. Já o montador virou quase uma lenda: todos falavam dele, mas ninguém o via aparecer. Cansados de esperar pela cortesia prometida, desistimos e contratamos um profissional por nossa conta.





CADEIRAS NA CALÇADA

/Gessirlândia de Cássia Siqueira

Em Conceição de Piancó, interior da Paraíba, o fim da tarde não chega de repente. Ele vai se derramando devagarinho sobre as ruas de barro, esfriando o calor das paredes, pintando de dourado as calçadas e chamando o povo pra fora de casa. É quase um convite silencioso.

As ruas começam a se encher de vozes e aí surge o verdadeiro ritual sertanejo: as cadeiras na calçada. Uma aqui, outra acolá. Cadeira de plástico já meio torta, cadeira de balanço herdada da avó, banco improvisado de madeira. Cada casa arrasta a sua cadeira para a frente da porta como quem prepara o terreiro para uma festa simples. E talvez seja mesmo. Porque conversar no sertão sempre foi um jeito bonito de celebrar a vida. As ruas começam a se encher de vozes nessa hora.

Dona Maria pergunta se o menino de Joana melhorou da gripe. Seu Antônio fala da chuva que talvez venha pela nascente. Alguém comenta da novela, outro lembra de um tempo antigo que ninguém viveu igual, mas todo mundo escuta como se tivesse vivido também.

As crianças correm descalças, inventando mundos entre uma casa e outra. O cheiro do café fresco escapa das cozinhas. Um rádio toca baixinho um forró antigo. E os mais velhos observam tudo com aquela calma que só quem aprendeu a viver sem pressa consegue ter.

Hoje, quase ninguém se senta mais na calçada. O mundo correu depressa demais. As conversas foram morar dentro dos celulares, e as portas passaram a se fechar cedo demais. No sertão, porém, ainda há resistência. Existem ruas onde o entardecer continua reunindo os vizinhos como antigamente, onde uma cadeira na calçada vale mais do que qualquer rede social, porque ali a felicidade parece caber nas coisas mais simples.



Imagem produzida com auxílio de inteligência artificial (Gemini, 2026).

> *Talvez, o sertão tenha preservado uma das lições mais bonitas da vida. A felicidade não precisa de luxo. Às vezes, ela mora justamente ali, numa cadeira colocada à porta de casa, enquanto o céu muda de cor e alguém, sem pressa, pergunta: 'E as novidades?'*

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

A FESTA DE RENOVAÇÃO DO CONTO “PAI CONTRA MÃE” DE MACHADO DE ASSIS

/Patrícia Silva Rosas de Araújo

Sábado, 9 de abril de 2011
A máscara de flandres

Hoje comecei a ler o conto Pai contra mãe, de Machado de Assis, publicado originalmente em 1906 no livro Relíquias de Casa Velha. A leitura foi proposta pela professora Maria Angélica na disciplina Leituras Discursivas, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, onde curso o mestrado em Linguística, como aluna especial.

O conto é curto. Ou, pelo menos, parecia ser. Já faz mais de trinta minutos que estou parada no primeiro parágrafo. Uma única expressão interrompeu meu caminho de leitora e me obrigou a diminuir o passo: máscara de folha de flandres. Machado escreve: "não cuidemos de máscaras". Mas, desta vez, vou desobedecê-lo. Não consigo seguir adiante sem saber que máscara é essa.

Fecho o livro. Abro o computador. Digito aquelas palavras no Google. Fiz questão de fazer esse desvio na leitura. Descubro, então, que a máscara de folha de flandres era um instrumento de tortura utilizado durante a escravidão brasileira. Servia para punir escravizados acusados de furtar alimentos, de beber ou mesmo para impedir que comessem terra na tentativa de pôr fim à própria vida. A peça era presa atrás da nuca por um cadeado e possuía apenas três aberturas: duas para os olhos e uma para a respiração. Algumas cobriam todo o rosto; outras apenas a boca.

Encontro fotografias. Gostaria de dizer que apenas as vi. Mas não. As imagens me olharam de volta. Depois delas, a leitura deixou de ser uma atividade intelectual. Tornou-se um incômodo. Enquanto observo aquelas máscaras, as palavras que me ocorrem não formam frases. São apenas fragmentos de sentimento: silêncio. Cerceamento. Angústia. Interdição. Privação. Tortura. Tristeza.

Descubro também que essas máscaras eram vendidas como qualquer outra mercadoria. Ficavam expostas nas portas dos estabelecimentos comerciais, penduradas diante dos olhos de todos. Eram parte da paisagem. Talvez, justamente por isso, tenham deixado de causar espanto. A rotina cansou os olhos dos transeuntes e tornou invisíveis tanto a dor dos escravizados quanto a perversidade de quem lucrava com ela.

Fecho novamente a página da pesquisa. Mas a máscara continua aberta dentro de mim. Começo, então, a pensar nas outras máscaras que encontramos diariamente. Não aquelas feitas de folha de flandres, mas as que aprendemos a aceitar sem perceber. As tragédias que atravessam os noticiários. A fome. As guerras. Os assassinatos. A violência contra as mulheres. O racismo. A miséria. As injustiças que, de tanto se repetirem, deixam de nos causar espanto.

Será que estou perdendo a capacidade de me indignar? Será que estou me acostumando ao absurdo? Será que a repetição mata a sensibilidade? Lembro-me de Santo Agostinho quando afirma que "o costume mata o êxtase" .Talvez ele também mate a indignação. Aos poucos, a gente vá endurecendo, até olhar para o sofrimento alheio com a mesma naturalidade com que aqueles comerciantes olhavam para as máscaras penduradas em suas vitrines.

Começo a pensar, ainda, nas máscaras invisíveis que continuam sendo colocadas sobre nós pelas ideologias, pelas forças políticas, pelas religiões, pela mídia e até pela própria ideia do que significa ser um “cidadão de bem" . Muda o material. Mudam os nomes. Mas algumas formas de silenciamento continuam encontrando maneiras de sobreviver. Já está tarde. Hoje não consegui passar do primeiro parágrafo do conto. Curiosamente, não sinto que li pouco. Pelo contrário. Há leituras que avançam por muitas páginas sem deixar vestígios. Outras mal atravessam um parágrafo e já começam a nos transformar. Vou dormir. Amanhã, depois do almoço, continuo a leitura. Ou, para ser mais honesta: amanhã continuo sendo lida por ela.

Domingo, 10 de abril de 2011
Uma vida pela outra

Hoje voltei ao conto. Ontem parei no primeiro parágrafo. Hoje consegui chegar ao último. Não porque a leitura tenha ficado mais fácil, mas porque algumas páginas precisam ser atravessadas mesmo quando pesam nas mãos.

O conto Pai contra mãe é uma narrativa em terceira pessoa que expõe a crueldade da escravidão brasileira. Seu protagonista, Cândido Neves, sobrevive capturando escravizados fugitivos, ofício que lhe garante, de forma precária, o sustento. Casado com Clara, o casal não possui condições de estabelecer uma casa própria e, por isso, vive sob os cuidados de tia Mônica, tia de Clara. Apesar das dificuldades financeiras, ambos desejam muito ter um filho. Algum tempo depois, Clara engravida.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N. 5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

À medida que o nascimento da criança se aproxima, cresce também a preocupação de tia Mônica. A instabilidade da profissão de Cândido e a diminuição do número de escravizados fugitivos tornam cada vez mais incerta a sobrevivência da família. Sem recursos para criar o bebê, tia Mônica passa a defender que a criança seja entregue à Roda dos Enjeitados.
- Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha. (p. 13).

Finalmente, quando Clara deu à luz a um menino, a tia a convence a abandonar a criança na Roda dos enjeitados, um guichê giratório instalado na fachada dos orfanatos; esse dispositivo permitia aos pais depositarem seu filho no anonimato e com segurança. Cândido se desespera com a ideia de ter de abandonar seu próprio filho e cogita mil saídas para ficar com ele, mas não encontra nenhuma. Logo, a ideia de abandonar um recém-nascido era dolorosa, mas em último caso era a melhor solução.
Após muito hesitar, o pai, cheio de desespero, pegou o bebê para levá-lo à Roda dos enjeitados. Antes, ele decidiu tentar, mais uma vez, obter dinheiro para evitar a infelicidade de perder o filho. Retomou os jornais e suas fichas sobre os escravos fugidos. Selecionou então um anúncio que prometia uma grande recompensa por uma mulata fugida. O texto descrevia a aparência da escrava, os bairros em que ela costumava frequentar e seu nome: Arminda. Com o dinheiro da recompensa, Cândido podia pagar suas dívidas e ficar com o filho.

No caminho que o levava em direção à Roda, ele "viu do lado oposto um vulto de uma mulher; era a mulata fugida" (p. 23), então, muito depressa ele decidiu deixar o bebê com um conhecido e tentar capturar a escrava. Ele a seguiu quase certo de que se tratava da escrava fugida descrita no anúncio. Chamou-a por seu nome: Arminda. Ela virou-se. Certo de que era sua presa, saltou sobre ela. Eles se bateram e ela lhe diz suplicando:
- Estou grávida, meu senhor! Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei sua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! (p. 24).

Cândido recusou a proposta e diz impiedosamente:
- Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? (p. 25)

Sem pesar, Cândido arrastou-a até a casa de seu senhor. Na medida em que eles se aproximavam da casa do senhor, Arminda reagiu ainda mais e acabou por abortar seu filho. Cândido entrega-a a seu dono, recebe a recompensa e volta para casa entre lágrimas com seu filho nos braços. A tia Mônica que não queria saber da criança ouve a explicação e perdoa a volta do pequeno, uma vez que ele trazia um bom dinheiro para a subsistência da família. O conto termina com a frase de Cândido que tenta justificar sua tirania:
- Nem todas as crianças vingam... (p. 26).

Fecho o livro. Mas o livro não se fecha.

Quando li o título Pai contra mãe, imaginei que encontraria uma história sobre conflitos familiares, talvez uma separação, um casamento em crise ou um desacordo entre marido e mulher. Nunca imaginei que encontraria pobreza, escravidão, maternidade, paternidade e aborto reunidos numa mesma narrativa.

O que mais me perturbou, porém, foi perceber que Machado não escreve uma história de vilões e heróis. Escreve uma tragédia. Não consegui odiar Cândido. Também não consegui deixar de sofrer por Arminda. São duas vidas implorando por futuro. De um lado, um pai tentando impedir que o próprio filho seja abandonado. Do outro, uma mãe tentando impedir que o seu filho nasça escravizado. Duas vidas pedem passagem. Mas o mundo construído pela escravidão só permite que uma delas sobreviva.

Termino a leitura tomada por uma estranha sensação de impotência. Pela primeira vez, não sinto vontade de explicar um texto. Nem de interpretá-lo. Nem de responder às perguntas que normalmente fazemos depois de uma leitura. Na verdade, eu não tenho nenhuma resposta. E, pela primeira vez, começo a desconfiar de que talvez isso não seja um problema. Eu simplesmente não estou obrigada a dizer nada. Alguns textos não nos pedem uma opinião. Pedem apenas que permaneçamos diante deles.

Então resolvo fazer a única coisa que me parece possível neste momento: observar o silêncio que está dentro de mim. Quem sabe um dia, quando eu for mãe, volte a ler este texto e tenha coisas inteligentes a dizer.

Segunda-feira, 6 de julho de 2026
Quinze anos depois

Voltei. Bakhtin (2011, p. 410) escreve que "não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação" . Durante muito tempo li essa frase como uma bela ideia. Hoje a leio como uma experiência vivida. Faz quinze anos que comecei a ler Pai contra mãe. E só agora percebo que ainda não terminei. Entre a primeira leitura e esta volta, a vida aconteceu. Casei. Descobri que ser mãe não seria o caminho simples e natural que eu imaginava. Vieram os exames, o diagnóstico de endometriose, a cirurgia, a perda de parte das trompas e dos ovários, um aborto espontâneo, incontáveis consultas, médicos, expectativas interrompidas e cinco anos tentando engravidar. Depois veio outro aprendizado. Meu esposo começou a falar sobre adoção. No início, resisti. Aos poucos, fui entendendo que maternidade talvez não fosse apenas biologia. Fizemos o curso de adoção, participamos de encontros, ouvimos histórias de pais e mães de coração. Esperamos mais um ano. Nada aconteceu.

Até que deixei de esperar. Eu estava cansada. Cansada de exames. Cansada de testes negativos. Cansada de transformar esperança em calendário. Foi justamente quando desisti de controlar o futuro que a vida resolveu me surpreender. Depois de uma viagem, voltei para casa com fortes dores na barriga e fui ao médico imaginando ser uma infecção intestinal. O ultrassom mostrou outra coisa. Um saco gestacional. Fiz o exame de sangue e resultado mostrou que eu estava gravidíssima. Depois de anos, engravidei de forma natural. Dias depois, ouvi o coração do bebê pela primeira vez. Batia forte, igual um tambor. Chorei como quem finalmente encontra uma resposta depois de muitos anos de silêncio. Então a médica sorriu.

— Agora, vamos ouvir o outro coraçãozinho.
— O outro?
— Você está grávida de gêmeos. Não sabia?!

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Aquela frase mudou a minha história. Nove meses depois, no dia 6 de janeiro de 2016, nasceram Ângelo e Mariana, meu casal de gêmeos. O primeiro caso de gêmeos da minha família. Sempre que olho para eles penso que algumas esperanças apenas demoram mais para florescer.

Conto tudo isso porque somente agora compreendo por que precisei voltar ao conto de Machado de Assis. Em 2011, eu ainda não sabia o que significava desejar desesperadamente ter um filho. Hoje sei. E foi a vida que me ensinou aquilo que nenhuma teoria poderia ensinar. Bakhtin tinha razão. O sentido fez sua festa de renovação.

Mas descobri outra coisa. Durante quinze anos achei que havia ficado devendo uma resposta ao conto. Lembrava daquela última página e do silêncio durante a leitura. Pensava que, quando amadurecesse ou fosse mãe, encontraria finalmente uma interpretação capaz de explicar tudo.

Não encontrei.
Continuo embasbacada.
Continuo em silêncio.

A diferença é que hoje compreendo que esse silêncio também faz parte da leitura. Na primeira vez em que li Pai contra mãe, sentia quase uma obrigação de escolher um lado. Achava que precisava decidir entre Cândido e Arminda, entre o pai que lutava para não perder o filho e a mãe que lutava para impedir que o filho nascesse escravizado.

Hoje penso que essa nunca foi a tarefa da leitura. Nem Machado me pediu isso. Nem minha professora. Maria Angélica não pediu prova. Não pediu seminário. Não pediu fichamento. Não pediu relatório. Ela pediu apenas que lêssemos. Na época, esse "apenas" me pareceu simples. Mas era a tarefa mais difícil de todas. Fomos educados para ler produzindo alguma coisa: uma resposta, uma resenha, uma apresentação, um conceito, uma nota. Quase nunca somos convidados a simplesmente permanecer diante de um texto, permitindo que ele faça seu trabalho dentro de nós. Ler sem cobrança é profundamente desconcertante, porque nos obriga a abandonar a ansiedade de responder. A leitura deixa de ser uma atividade para cumprir e passa a ser uma experiência para viver.

Vejo nas redes sociais desafios de leitura cada vez mais impressionantes. Outro dia uma menina, de apenas onze anos, viralizou ao contar que havia lido cento e cinquenta livros em um único ano, incluindo toda a Bíblia. Fiquei feliz por ela. Mas confesso que minha ideia de leitura caminha por outro lugar. Não acredito que um leitor seja medido apenas pela quantidade de livros que consegue atravessar. Ler muitos livros amplia repertórios, apresenta novos mundos e certamente nos torna leitores mais experientes. Isso é importante. Mas não basta. Também é preciso que alguns livros atravessem o leitor.

Para mim, a grande leitura não é, necessariamente, a mais rápida, nem a mais extensa. É aquela que permanece. Aquela que continua fazendo perguntas quando já esquecemos o número das páginas.

Aquela que reaparece muitos anos depois, iluminada por experiências que ainda não possuíamos quando a lemos pela primeira vez. Há textos que terminam junto com a última página. Outros começam exatamente ali.

A maturidade me fez ver que um bom leitor não se mede apenas pela quantidade de livros que leu, mas pelo tempo que um livro consegue permanecer vivo dentro dele. Há quinze anos comecei a ler um conto de Machado de Assis. Ainda não terminei. As perguntas continuam aqui. A dor continua aqui. O espanto continua aqui. Talvez seja isso que uma grande obra faz conosco. Ela espera. Espera que a vida aconteça. Espera que envelheçamos um pouco. Espera que percamos, que amemos, que fracassemos, que tenhamos filhos, que mudemos de ideia. Então, um dia, quando voltamos ao texto, descobrimos que ele permaneceu exatamente onde o deixamos.

Quem mudou fomos nós.

Sei que aquela aula de leitura no mestrado nunca acabou. Ela apenas durou quinze anos. E talvez continue durando pelo resto da minha vida. Durante muito tempo pensei que a professora Maria Angélica tivesse nos ensinado a ler um conto de Machado de Assis. Mas acho que ela nos ensinou algo muito mais difícil: ensinou-nos a aprender com o tempo da literatura.

Naquele dia, ela suspendeu, por algumas horas, a lógica escolar que transforma toda leitura em tarefa e toda tarefa em resposta. Não nos pediu que resolvêssemos o texto, que identificássemos seus recursos estilísticos ou que produzíssemos uma interpretação definitiva. Pediu apenas que lêssemos. E foi justamente essa aparente simplicidade que me ensinou a lição mais complexa da minha formação como leitora. Aprendi, naquela aula, que um texto não precisa ser imediatamente compreendido para ser verdadeiro. Aprendi que existem perguntas que devem permanecer abertas.

Aprendi que a boa leitura exige uma espécie de paciência literária: a disposição de caminhar no ritmo do texto, de aceitar seus silêncios, de suportar suas ambiguidades e de esperar que a própria vida complete sentidos que a teoria, sozinha, nunca alcança. Aprendi que ler é, antes de tudo, deixar-se ler. E que escutar um texto talvez seja a maneira mais profunda de aprender a escutar a si mesmo.

Referência

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de. **Relíquias de casa velha.** Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf. Acesso em: 19 abr. 2011. (Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1906).

BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

O PODER DA LINGUAGEM E A RESPONSABILIDADE DE ENSINAR

/Emilly Pinto Meireles

Na noite nublada de 22 de setembro de 2026, apresentei um seminário à turma da disciplina Linguagem e Interação, ministrada pela professora Patrícia Rosas, no Curso de Pedagogia (noturno) da UFPB.

Para quem me observasse, talvez fosse apenas mais uma apresentação acadêmica, mas, para mim, aquela noite carregava um significado muito maior. Eu estava atravessada por angústias e preocupações, pois minha avó, que enfrentava um momento delicado de saúde, havia passado mal naquela manhã. Passei boa parte do dia no hospital ao seu lado e só saí de lá no último momento possível para conseguir pegar o ônibus para a universidade.

Entre o hospital e a universidade, refleti sobre a fragilidade da vida e o medo de perder as pessoas que amamos. Também percebi como as responsabilidades pessoais, emocionais e acadêmicas muitas vezes se sobrepõem ao nosso querer. No ônibus, compartilhei minhas inseguranças com alguns amigos e confessei que havia pensado em desistir da apresentação. Eu teria pouco tempo para estudar e estava emocionalmente cansada. Entretanto, o apoio dos meus colegas me fortaleceu e me fez compreender a importância de não enfrentarmos sozinhos os momentos difíceis.

Ao apresentar o seminário sobre interrupção/assalto ao turno de fala e o papel do gênero, percebi que aqueles conceitos estavam presentes em minhas próprias experiências. A linguagem não se limita às palavras ou aos conteúdos acadêmicos; ela também está na maneira como nos expressamos, somos ouvidos, ocupamos espaços e estabelecemos relações. A fala pode representar uma forma de poder, principalmente quando fatores como gênero, cor e idade influenciam a maneira como somos tratados.

Pensei em quantas vezes já fui interrompida e precisei me posicionar por ser uma mulher negra, jovem ou por ocupar determinados espaços acadêmicos e profissionais. Ao refletir sobre essas experiências, retomei as considerações de Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 49 *apud* Santana, 2018, p. 64), segundo a qual "interromper o outro é lhe cortar a palavra, é, portanto, lesar seu 'território' e ameaçar sua face". Compreendi, assim, que a interrupção não afeta apenas a dinâmica da conversa, mas também pode comprometer o respeito e o reconhecimento de quem fala.

Essa questão também pode ser compreendida a partir de West e Zimmerman (2010 [1987], p. 55 *apud* Santana, 2018, p. 63), que afirmam que as interrupções "não podem ser explicadas pela operação do sistema de tomadas de turno, e sim refletem a influência de fatores exógenos ao gerenciamento da tomada de turnos". Essa perspectiva me fez perceber que as relações sociais também influenciam quem consegue falar e quem tem sua voz reconhecida. Afinal, falar não significa necessariamente ser ouvido. Santana (2018, p. 71) reforça essa reflexão ao afirmar que:

> A violação do direito de fala pode estar relacionada a fatores que vão além da conversa propriamente dita, estendendo-se às identidades sociais de quem interrompe e de quem é interrompido, podendo inclusive estar atrelada a questões de gênero.

Essa ideia ampliou minha compreensão sobre a linguagem e me fez refletir sobre a importância de respeitar as diferentes vozes presentes nos espaços sociais e educacionais. Naquela noite, pensei também na responsabilidade que acompanha o conhecimento. Pensei na responsabilidade de ser filha de pais que não concluíram o ensino fundamental, mas que sempre buscaram proporcionar aos filhos o melhor dentro de suas possibilidades. Foram eles que me deram asas para chegar ao ensino superior. Por isso, tornar-me professora representa não apenas uma conquista pessoal, mas também uma forma de gratidão por todos aqueles que contribuíram para minha trajetória.

Ser professora significa construir conhecimentos com outras pessoas, auxiliar as crianças na aprendizagem da leitura e da escrita e contribuir para que desenvolvam uma leitura crítica do mundo. É compreender que ensinar não consiste apenas em transmitir conteúdos, mas também em criar oportunidades para que cada estudante reconheça sua própria voz e aprenda a respeitar a voz do outro. Como futura docente, desejo contribuir para um ambiente em que todos possam participar e ser ouvidos.

Durante a aula, a frase "Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades", conhecida no filme do Homem-Aranha, ganhou um significado especial para mim. Percebi que o conhecimento também é uma forma de poder e que ensinar exige responsabilidade na maneira como utilizamos aquilo que aprendemos. Pensei novamente na minha avó, nos valores que ela me transmitiu e nas marcas de sua presença na pessoa que estou me tornando.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Saí daquela aula com mais do que uma aprendizagem sobre língua, linguagem e conversação. Compreendi que o conhecimento transforma, mas também responsabiliza; que ensinar é assumir um compromisso com o outro; e que a linguagem está presente nos afetos, nos conflitos, nas interrupções, nos silêncios e na luta cotidiana para sermos ouvidos.

Naquela noite nublada, entre o medo de perder alguém que amo, a insegurança diante da apresentação e a responsabilidade de ocupar aquele espaço, percebi que algumas experiências nos fazem enxergar o conhecimento de outra maneira. Enquanto apresentava um seminário sobre o poder da linguagem, compreendi também o poder e a responsabilidade que carrego como futura professora. Afinal, as palavras não apenas expressam pensamentos: elas nos atravessam, nos transformam e, quando utilizadas com consciência, podem transformar a vida de outras pessoas.

Referência

SANTANA, Rebeca Rodrigues de. Interrupção/assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v. 18, n. 2, maio/ago., 2018. Disponível em file:///C:/Users/CST/Downloads/11088-Texto%20do%20artigo-44001-47452-10-20180831%20(1).pdf Acesso em 22/03/2026.

A PÁGINA 130

/Maricélia Ribeiro Jorge
/Golbery de Oliveira C. Aguiar Rodrigues

Autores convidados

Algumas leituras terminam quando fechamos o livro. Outras continuam caminhando conosco pelos corredores da universidade, pelas conversas entre colegas e pelos pensamentos que insistem em voltar quando menos esperamos. Foi exatamente isso que aconteceu conosco durante a leitura do ensaio A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica, de Valentin Volóchinov, numa aula da disciplina de Tópicos Especiais em Teoria Dialógica da Linguagem, do PPGLE/UFCG, ministrada por Manassés Xavier, um professor que tem Bakhtin na veia.

O texto havia sido indicado para discussão em sala, e dedicamo-nos à leitura com bastante interesse. À medida que avançava pelas páginas, sublinhávamos trechos, fazíamos anotações e tentávamos relacionar as ideias do autor às discussões que já vínhamos realizando sobre linguagem e interação social. Tudo corria bem até que a leitura travou numa única sentença, na página 130:

"Do ponto de vista pragmático-objetual não se deve haver nada implícito na obra poética."

Como assim nada implícito? A poesia não vive das entrelinhas, das metáforas, do não dito? Voltei ao parágrafo. Relemos. Continuamos sem entender. Guardamos a dúvida e seguimos confiantes de que o professor a resolveria na aula seguinte.

Não resolveu. Não porque lhe faltasse clareza. Pelo contrário: o professor contribuiu com observações valiosas, oferecendo caminhos possíveis de interpretação. Mas havia naquela passagem uma espessura filosófica e subjetiva tão intensa que a dúvida permanecia viva, pedindo um percurso de compreensão que ainda precisávamos construir por nós mesmos. Afinal, estamos tratando de densa filosofia...

Na aula, em vez de exposição, o professor propôs grupos de discussão. Boa ideia, pensamos — às vezes enxergamos melhor um texto pelos olhos dos outros.

Peguei a folha de orientações com tranquilidade.

Até ver a numeração das páginas.

O trecho selecionado começava exatamente na página 130. Entre todas as páginas do ensaio, justamente aquela. A mesma frase. A mesma inquietação. Compreendi que não havia saída.

No grupo, descobrimos que um colega carregava a mesma dúvida. As outras integrantes disseram ter compreendido a passagem e nos explicaram com generosidade. Escutamos com atenção. Voltamos ao texto. Relemos. A compreensão não chegava.

Então fizemos o que parecia óbvio: chamamos o professor. Ele veio, ouviu a questão e explicou com precisão e paciência. Explicou direitinho. E parte de nós continuamos sem entender ... certamente porque em cada ser humano há várias moradas de subjetividades... Olhamos um para o outro com aquela mistura de constrangimento e obstinação que só quem já ficou preso numa dúvida teimosa conhece bem. Não era desatenção. Era algo mais fundo e ainda não sabíamos o quê. Quando as apresentações começaram, passamos a ouvir cada grupo na esperança de que alguém chegasse lá, de que uma frase solta nos desbloqueasse. Seguíamos cada interpretação com atenção redobrada. Ninguém chegou. Rabiscávamos. Voltávamos páginas. Relacionávamos conceitos. O tempo corria. A qualquer momento poderia chegar a nossa vez. E nós ainda não tínhamos a resposta nem dos colegas, nem do professor, nem do próprio texto. Por sorte, ou por graça, questões administrativas consumiram o final da aula. Nossa apresentação ficou para a semana seguinte. Respiramos fundo. Trocamos um olhar que dispensava palavras. Tínhamos tempo. E dessa vez, decidimos usá-lo de outro modo. Não queríamos mais esperar que alguém nos desse a resposta. Queríamos construí-la. Sem álibi, sem atalho queríamos assinar aquela compreensão com nossas próprias mãos.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Nos dias seguintes, voltamos ao ensaio. Relemos devagar, degustando. E foi então que algo começou a se mover. Na vida cotidiana, percebemos, grande parte do sentido não precisa ser dita: duas pessoas que compartilham a mesma situação se entendem com meia palavra, um gesto, uma entonação. O contexto externo carrega o que o enunciado deixa em aberto.

A poesia não dispõe desse recurso. O leitor não está diante da mesma paisagem do autor, não partilha a mesma situação concreta. Por isso, tudo o que precisa ser compreendido deve ser construído dentro do próprio texto — nas imagens, no ritmo, nas escolhas vocabulares, na forma artística. O implícito não desaparece na poesia. Ele muda de lugar: sai de fora do texto e passa a ser produzido por ele. Quando isso ficou claro, entendemos também por que a dúvida havia resistido tanto. Nenhuma explicação externa poderia ter nos dados aquela compreensão, porque ela só se tornaria real quando fosse nossa. Construída. Assinada.

Na aula seguinte, apresentamos com segurança. Mas o que ficou não foi a resposta. Foi o percurso. Sem querer, tínhamos vivido aquilo que Bakhtin chama de ato responsável: não há álibi para a existência. Não é possível delegar a outro ao colega, ao professor, ao texto a responsabilidade de compreender por nós. O ato de entender exige assinatura. Exige que o sujeito esteja presente, sem escudo, disposto a não saber e a continuar mesmo assim.

A página 130 nos obrigou exatamente a isso. E talvez seja justamente por isso que ainda me lembro dela. Não porque me confundiu. Mas porque foi ali que parei de buscar um álibi para a minha dúvida e decidi, enfim, respondê-la. Foi só muito depois que percebi que talvez a página 130 nunca tivesse sido apenas uma página. O número parecia guardar silenciosamente aquilo que vivemos durante todo o percurso. O “1” era o sujeito lançado diante da experiência, sozinho diante da própria incompreensão. O “3”, como uma travessia de vozes, lembrava o movimento da reflexão: eu, o outro e o texto tentando construir algum ponto de encontro. E o “0” permanecia ali, redondo e aberto, como tudo aquilo que ainda não cabe completamente nas palavras.

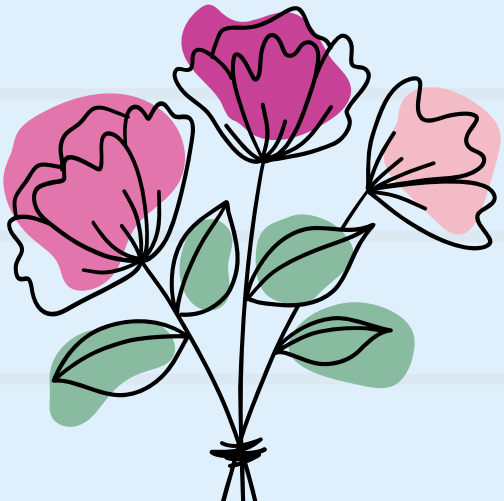
Talvez, compreender seja exatamente isso: não eliminar o vazio, mas aprender a habitá-lo sem fugir dele. Naquele momento, entendemos que a página 130 não representava apenas uma dificuldade de leitura. Ela simbolizava o caminho inteiro da aprendizagem: presença, reflexão e incompletude. E talvez, seja por isso que certas dúvidas permanecem conosco mesmo depois das respostas. Não porque fracassamos em entendê-las, mas porque algumas compreensões não chegam para encerrar o pensamento. Chegam para inaugurá-lo.

Referência

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1926].

Aponte a câmera do celular para o QR Code e conheça o nosso **PODCAST no SPOTIFY**





Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

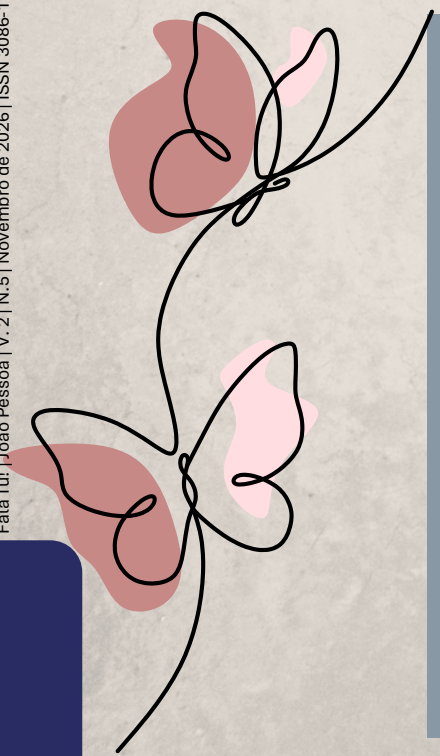
VER, REVER, TRANSVER E VIVER

/Julinery Ferreira
/Leidiane Morais

A sugestão quanto aos estudos sobre “Experiência” no contexto da Educação surgiu a partir das reflexões provocadas pela professora Maria Graciele de Lima, no componente curricular de Seminário Temático em Educação VI, neste semestre acadêmico de 2026.2, quando lemos um artigo de Jorge Larrosa e uma dissertação de mestrado de Suzane Remígio. Aqui, incluimos Adail Sobral e Karina Giacomelli em nossas leituras, como um desenrolar do tema trazido.

Ao entrarmos em contato com as ideias de “experiência” proposta por Larrosa e “transver” apresentada por Remígio, percebemos que a experiência vai além dos acontecimentos cotidianos e compreendemos que nem tudo o que nos acontece se transforma, de fato, em experiência. Para Larrosa, a experiência se relaciona com aquilo que nos acontece e que, ao nos afetar, pode produzir transformações na maneira como pensamos, sentimos e assimilamos o mundo.

Por conseguinte, a reflexão sobre o tema nos fez compartilhar experiências formativas na universidade e uma experiência individual relacionada ao retorno de uma de nós à Universidade Federal da Paraíba se tornou o centro de nosso olhar. A reflexão passou a ser discutida entre nós, possibilitando assim, o debate quanto às relações entre experiência, alteridade e Educação. O que teve início como uma inquietação pessoal tornou-se, deste modo, uma oportunidade de diálogo e novas percepções coletivas, permitindo ampliar a compreensão sobre como nossas experiências e encontros com o outro participam dos processos de formação acadêmica e humana.
Segue, então, o relato contemplado em nossas reflexões:



A ideia de “experiência” me fez refletir sobre minha própria trajetória acadêmica, principalmente sobre o meu retorno à Universidade Federal da Paraíba após uns anos distante do curso. Voltar à universidade poderia ser entendido apenas como uma decisão de retomar os estudos, mas, para mim, esse retorno trouxe sentimentos e questionamentos que ultrapassam o simples ato de frequentar novamente uma sala de aula.
Ao retornar, precisei lidar com medos internalizados e, ao mesmo tempo, entendi que eu também havia mudado. Hoje, o retorno à universidade vem com uma outra maturidade, com objetivos definidos e com uma compreensão diferente sobre a importância de concluir aquilo que começou em outro momento de minha vida. O acolhimento de alguns professores e as experiências vividas nas primeiras semanas de aula também contribuíram para que eu percebesse que não estava simplesmente voltando ao lugar de onde havia saído: eu estava chegando a esse lugar como outra pessoa, do mesmo modo em que estava encontrando outras pessoas, outros contextos, outros modos de viver a formação escolhida.[1]

[1]Preferimos não identificar a qual de nós especificamente a narrativa se refere, tendo em vista que a experiência compartilhada no campo das reflexões que gerou, de algum modo, afeta-nos, seja porque vivemos parte dela, seja porque ao lidar com o relato, problematizamos questões sobre nossas jornadas formativas, nas diversas etapas.

Após apresentar esse relato, podemos dizer que proximidade com o tema faz uma correlação com nossas vivências e as experiências que atravessam nossa formação. Ao considerarmos sobre os encontros, os desafios, as dificuldades e os acolhimentos presentes na trajetória acadêmica, compreendemos que a formação não se limita à aquisição de conhecimentos, mas também envolve aquilo que nos transforma enquanto sujeitos. Nessa perspectiva, Larrosa percebe a experiência como algo que ultrapassa o simples acontecimento, cingindo os efeitos que aquilo que nos acontece produz em nós.

No contexto educacional, essa reflexão se torna importante, uma vez que a Educação se constitui nas relações entre sujeitos que possuem diferentes experiências, saberes e perspectivas. Nesse sentido, Sobral e Giacomelli (2020) discutem uma concepção de educação dialógica alteritária fundamentada na relação com o outro e na consideração de suas especificidades, compreendendo os sujeitos como participantes das interações educativas. Essa perspectiva nos convida a pensar a Educação como um espaço de diálogo, escuta e interação no qual o encontro com o outro também pode provocar deslocamentos e transformações em nós mesmas/os.

Com Jorge Larrosa, veio a compreensão de que a experiência não se resume ao fato de algo acontecer conosco. Para o autor, o acontecimento precisa nos afetar de alguma maneira, produzindo mudanças naquilo que somos, pensamos ou sentimos. Larrosa discute a ideia de que na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Nesse sentido, “A experiência, em primeiro lugar, é um passo, uma passagem, um percurso” (Larrosa, 2011, p. 8). Essa compreensão nos permite pensar a experiência como algo que atravessa nossa trajetória e pode modificar a maneira como percebemos a nós mesmas/os e o mundo. As interrupções, os reencontros e as novas oportunidades podem nos levar a rever escolhas, transformar perspectivas e compreender nossa história de outras maneiras.

A partir de Remígio (2023), essa reflexão se amplia ao pensarmos sobre os percursos que envolvem a experiência humana e sobre as possibilidades de construir novos olhares para aquilo que vivenciamos. Ao considerar as interrupções presentes na trajetória da pesquisadora, relacionadas a acontecimentos em sua vida, podemos refletir sobre como situações inesperadas interferem em nossos projetos e modificam nossos caminhos. Essas circunstâncias nos permitem aceitar que as trajetórias pessoais e acadêmicas nem sempre acontecem de maneira linear e que os acontecimentos que nos afetam podem exigir mudanças, hiatos e novas formas de interpretar a própria caminhada.

Na dissertação de Remígio, essa reflexão é ampliada quando nos apresenta um percurso de pesquisa marcado por mudanças, interrupções e novas possibilidades de criação. Ao abordar os hiatos vivenciados durante seu processo de investigação, a autora demonstra como acontecimentos da vida interferem nos caminhos inicialmente planejados. Em determinado momento ela afirma que “Se a vida muda, a pesquisa também” (Remígio, 2023, p. 60). Embora seja uma reflexão sobre sua pesquisa, essa ideia nos permite estabelecer um diálogo com as trajetórias acadêmicas diversas que nem sempre seguem um percurso linear. As pausas podem modificar nossos planos e exigir novas formas de continuar, sem que isso signifique necessariamente abandonar nossos objetivos. Assim, Remígio nos permite refletir não apenas sobre as interrupções, mas também sobre as possibilidades de atribuir novos sentidos aos percursos que construímos.

Já em um diálogo com Larrosa, existe essa reflexão de que aquilo que vivenciamos pode produzir efeitos em nossa maneira de perceber a realidade. Ao lado disso, a aproximação com as contribuições de Sobral e Giacomelli contribui para pensar que o contato com outras histórias e perspectivas amplia nossa compreensão sobre o outro e sobre nós mesmos.

Portanto, a partir das leituras de Larrosa, Remígio, Sobral e Giacomelli passamos a compreender que a experiência, a alteridade e a formação humana estão relacionadas aos modos como vivenciamos os acontecimentos e estabelecemos relações com os outros. Mais do que acumular conhecimentos ou viver determinadas situações, experienciar também envolve a possibilidade de sermos afetados pelo que acontece, de rever nossas compreensões e de atribuir novos sentidos àquilo que vivemos.

Reconhecer a alteridade significa compreender que cada sujeito possui uma trajetória única, constituída por experiências, dificuldades, expectativas e conhecimentos inatos. No espaço da Educação, essa abrangência é fundamental para que as diferenças não sejam vistas como obstáculos, mas como possibilidades de diálogo, aprendizagem e construção coletiva do conhecimento.

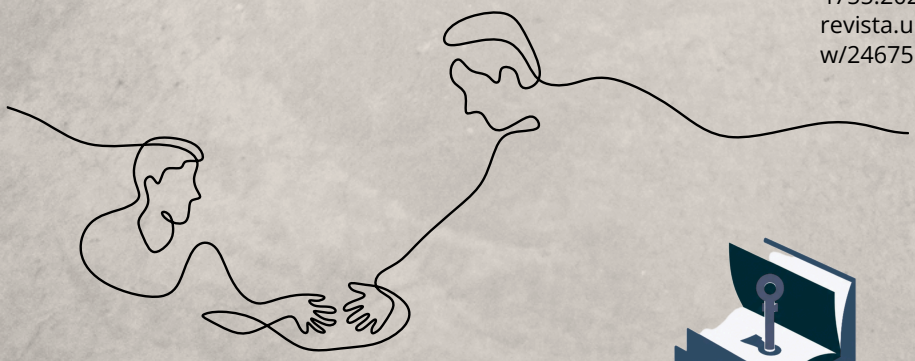
Por fim, refletir sobre experiência e alteridade é também reconhecer que a Educação acontece no encontro entre sujeitos diferentes, cujas histórias podem transformar a maneira como aprendemos, ensinamos e compreendemos o mundo. As leituras realizadas ampliam, assim, nosso olhar sobre os processos formativos e reforçam a importância de uma Educação que considere não apenas os conhecimentos construídos no aspecto teórico, mas também as experiências, as relações e as singularidades das pesssos que vivem esse processo.

Referências

LARROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. **Reflexão e Ação,** [S. l.], v. 19, n. 2, p. 04–27, 2011. DOI: 10.17058/rea.v19i2.2444.

REMÍGIO, Suzane. Transver ruínas: narrativas possíveis a partir de experimentações. 2023. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Mestrado Profissional em Artes, Fortaleza, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7645. Acesso em: 15 out. 2026.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Por Uma Proposta de Educação Dialógica Alteritária. **Línguas & Letras,** [S. l.], v. 21, n. 49, p. http://dx.doi.org/10.5935/1981–4755.20200001, 2020. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24675. Acesso em: 25 out. 2026.



DESENGAVETA
MEU TEXTO
Da leitura à publicação

Aponte a câmera do celular para o QR Code e conheça o **Projeto Desengaveta Meu Texto** por meio do nosso aplicativo!

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

UMA SAUDADE

/Guilherme Bezerra Serafim Mendonça



No meu aniversário de 10 anos, ganhei de presente uma viagem com a minha família para conhecer Sergipe e as águas do Velho Chico. Para mim, foi uma das melhores experiências que já tive, porque sempre quis conhecer aquele lugar.

O caminho foi longo. Passei cerca de dez horas no carro, olhando principalmente para a estrada. No percurso, atravessamos estradas de barro e terra, no meio da roça, e quase que o carro quebrou, mas, no final, deu tudo certo. Passamos por várias cidades, e o trajeto parecia entediante. Eu só pensava no quarto em que a gente ficaria quando chegasse ao destino.

Quando chegamos, andei de barco pelas águas do Rio São Francisco, vi o cânion e passamos por muitas pedras. Depois, fomos a uma pizzaria para comemorar. Mas não cantamos parabéns!

Meu pai, minha mãe e minha irmã estavam comigo. Eu estava feliz por conhecer aquele lugar tão bonito, mas sentia uma saudade enorme do meu irmão, que já tinha morrido. Foi por isso que escolhi o título "Uma saudade". Não cheguei a chorar, mas a saudade cantava alto dentro de mim. Afinal, era meu aniversário, um dia especial em que eu queria ter meu irmão ao meu lado.

Mesmo sentindo falta dele, fiquei feliz por viver essa experiência com minha família. Espero que quem leia minha crônica se emocione e perceba que um momento pode trazer alegria e, ao mesmo tempo, fazer a gente lembrar de alguém muito especial.

Eu já tinha ouvido falar desse gênero textual, mas ainda não havia lido uma crônica. Com o projeto, descobri que ela pode contar histórias reais e que não precisa narrar algo extraordinário. Até uma experiência de aniversário, com seus momentos felizes e sua saudade, pode virar uma crônica.

BOLO DE LARANJA E CAIXINHA SURPRESA

/Ângelo Delmar Rosas Araújo

Tudo começou quando eu acordei muito feliz às cinco horas da manhã. Ao levantar, senti um cheiro de bolo de laranja, o meu favorito. Fui até a cozinha para descobrir de onde vinha aquele cheiro e vi a minha vó. Ela tinha feito um bolo para mim! Fiquei muito feliz porque lembrou do meu aniversário. Dei um abraço bem apertado nela. Minha vó mora na minha casa e gosta de preparar minhas comidas favoritas.

Depois, fui até a cama da minha mãe e comecei a gritar:
— HOJE É MEU ANIVERSÁRIO! HOJE É MEU ANIVERSÁRIO!
Minha mãe, ainda com voz de quem estava com muito sono, respondeu:
— Ah, parabéns, meu filho! Aê!

Ela voltou a dormir, mas isso não me deixou triste. Fui até o quarto da minha irmã e pulei em cima dela para contar que aquele era o meu dia, ou melhor, nosso dia, porque somos irmãos gêmeos.

Foi aí que lembrei que era segunda-feira, dia do meu futebol. Quando alguém está aniversariando em dia de treino, a gente faz brincadeiras. Então, meus amigos pegaram o colete e bateram na minha canela. Eu já sabia que aquilo ia acontecer, mas fui para o treino mesmo assim. Depois do futebol, voltei para casa para tomar banho e me arrumar. Eu estava animado porque iria ao shopping com a minha família. Só fiquei um pouco triste porque meu pai não pôde ir. Ele trabalha em outra cidade e segunda-feira é o dia em que ele viaja. Mesmo assim, ele lembrou do meu aniversário.

No shopping, minha mãe recarregou o cartão do Game Station e foi muito bom. Brinquei bastante com a minha irmã e meus primos Samira, Sarah, Rutiely e Reuel. Depois de tantas brincadeiras, fomos lanchar. Comemos na Pizza Hut, no KFC e na Zeny. Eu não tive uma festa, nem uma grande comemoração, mas estava com a minha família, especialmente minha irmã, minha mãe e minha avó.

Quando chegamos em casa, minha mãe me entregou uma caixinha pequena e pediu que eu abrisse.

Quando abri, encontrei ingressos para um parque aquático! Fiquei muito alegre. Naquele momento, percebi que, mesmo sendo um aniversário pequeno, eu estava sentindo uma felicidade enorme. Minha mãe não tinha feito uma festa nem comprado um bolo enorme, mas fez de tudo para me deixar feliz. E os presentes que ela me deu foram maiores do que um shopping inteiro.

Antes deste projeto da universidade, eu não sabia escrever uma crônica. Eu achava que somente escritores podiam escrever esse tipo de texto. Não sabia que uma criança também podia escrever uma crônica. Com as aulas e com a ajuda do professor Hugo e Aldenora, descobri que uma crônica pode contar coisas simples que acontecem no nosso dia a dia, como tomar café da manhã, ir à escola ou viver um aniversário. Também aprendi que, para escrever uma crônica, é importante escolher uma boa história do dia a dia. Pode ser uma história triste ou feliz. O importante é contar uma situação que tenha significado para você, mostrar o que aconteceu de verdade e escrever de um jeito que possa surpreender o leitor.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

O ANIVERSÁRIO DA MENINA POPULAR DA SALA

/Mariana Luján Rosas Araújo



O melhor aniversário que já participei foi o da menina popular da minha sala. Ela se chama Maria Clara e fazia 7 anos. O mais legal é que ela convidou todas as meninas da sala. Quando ela me convidou, fiquei muito feliz, porque nunca imaginei que isso pudesse acontecer porque não éramos amigas próximas.

A festa aconteceu em um estúdio de balé, em Campina Grande, no ano 2020. Quando cheguei ao local, tinha muitas coisas legais para fazer. Tinha brincadeiras, danças, balé e piscina. Foi uma festa muito divertida e eu aproveitei bastante.

Mas o momento que mais me marcou foi a hora dos parabéns. Todo mundo cantou e Maria Clara ficou muito feliz. Eu também fiquei feliz por estar ali, participando daquele momento com ela. Acho que foi aí que percebi que aquela festa era ainda mais especial para mim, porque eu tinha conquistado uma coisa que nunca pensei que conseguiria, ser convidada para o aniversário da menina popular da minha sala.

Antes de participar deste projeto de escrita da universidade, eu nem sabia o que era uma crônica. Aprendi que esse texto pode contar coisas que acontecem no dia a dia e que quase tudo pode virar uma história, como uma festa, um lápis, uma planta ou até alguma coisa que acontece com outra pessoa, mas sei a história.

Os textos que li e as atividades que fiz na sala me ajudaram a perceber isso e também me ensinaram a escrever a minha crônica. Para contar uma história de aniversário, não basta dizer que a festa foi boa. É importante contar os detalhes e, principalmente, aquilo que mais marcou a gente. Foi isso que tentei fazer nesta crônica.

E, para terminar, quero agradecer à Maria Clara pelo convite. Eu também faria uma festa assim para mim e chamaria todas as meninas da sala, até aquelas que não fossem tão próximas. Obrigada! ♡

UM ANIVERSÁRIO DIFERENTE DO QUE EU ESPERAVA

/Heitor Barros de Assunção

Eu estava indo para o aniversário de um amigo na casa dele. Acho que a festa foi em Campina Grande. Quando cheguei, bati na porta, e o pai dele abriu. Eu disse que tinha ido entregar o presente e perguntei se ali era o aniversário do José.

— Oi, tudo bem? — ele disse.
— Hoje é o aniversário do José?
— Sim.

Então, olhei para o quintal e vi uma grande festa. Havia empregadas que a mãe do meu amigo tinha contratado para ajudar na organização e servir as coisas aos convidados. Também tinha um bolo que, pelo que me lembro, era de chocolate, com um pouco de chantilly em cima. A comemoração tinha um tema, mas não lembro qual era.

Antes de ir embora, eu estava brincando de pirata. Tentei pegar alguma coisa para comer, mas não consegui, porque um menino pegou tudo antes de mim.

Depois, aconteceu uma coisa que me fez querer sair dali. Quando chamei a mãe do meu amigo para pegar um pedaço de bolo, ela gritou comigo e me chamou de preguiçoso, porque eu não estava indo buscar o pedaço sozinho. Minha mãe começou a reclamar, e a gente foi embora. Fiquei desconfortável e com vergonha diante daquela situação.

Por isso, aquele aniversário acabou sendo diferente do que eu esperava. Queria que quem lesse minha crônica percebesse que não devemos tratar os outros com arrogância. Não devemos ser desumildes com as pessoas porque isso pode atrapalhar a amizade.

Eu já conhecia um pouco o gênero crônica, porque tinha lido uns dois textos antes de começar as atividades. Com o projeto, descobri que esse tipo de texto pode falar sobre muitos assuntos e contar histórias reais ou fictícias. A gente leu "A Espada", de Luis Fernando Verissimo, e "A Última Crônica", de Fernando Sabino. Gostei mais de "A Espada". Para mim, uma crônica pode contar uma história simples que, mesmo assim, vale a pena compartilhar.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

O MESVERSÁRIO DE MARLON

/Luana Vitória Macedo De Oliveira

Na casa da minha amiga Maria, aconteceu o mesversário de Marlon, filho dela. Ele estava completando 2 meses, e várias pessoas especiais participaram desse momento. Havia amigos, primos e outros convidados reunidos para comemorar com ele.

Maria sempre me chama porque ajudo na organização das festas. Dessa vez, também colaborei colocando o bolo, os refrigerantes e os salgados na mesa.

A festa tinha como tema o "Pequeno Chefinho", com balões e um painel com a imagem do personagem. Também tinha bolo, salgados, cupcakes, pirulitos de chocolate e brigadeiros. Não lembro qual era o sabor do bolo, mas lembro que a decoração estava muito bonita.

Marlon ainda era um bebê de apenas 2 meses e não entendia o que estava acontecendo. Mesmo assim, muitas pessoas se reuniram para celebrar esse momento especial de sua vida.

Antes das oficinas de leitura e escrita, eu não conhecia o gênero crônica. Uma das coisas que mais me marcou durante as atividades foi a leitura da crônica sobre a menina que comemorou seu aniversário num bar, comendo apenas um pedaço de bolo. Os exercícios de sublinhar trechos do texto e destacar palavras também me ajudaram a desenvolver minha escrita.

Comecei minha crônica pelo título. Se eu fosse dar uma dica para alguém escrever sobre o tema aniversário, diria para não esquecer de mencionar o bolo, os detalhes da festa, a pessoa homenageada, a decoração e os momentos que tornam a história especial.



DUAS HORAS DE DIVERSÃO

/Isabelly da Silva Santiago

Era o dia do meu aniversário, 14 de abril de 2026, e eu ainda estava na escola. Quando saí de lá, fui para casa. Eu estava completando 11 anos e já tinha combinado com minha mãe, uns dez dias antes, que a gente iria ao shopping para comemorar.

Primeiro, pensamos em ir ao Trampolim que tem lá, mas estava acontecendo uma promoção em outro parque, na entrada do Shopping Mangabeira. Por isso, decidimos conhecer esse lugar. À noite, meu amigo Té chegou da escola e foi comigo.

Quando chegamos ao *shopping*, minha mãe convidou um amigo dela para nos acompanhar, assim ela não ficaria sozinha. Enquanto eu e Té nos divertíamos no parque, ela e o amigo ficaram conversando na praça de alimentação.

A gente brincou durante duas horas. Tinha piscina de bolinhas, brinquedos infláveis, joguinhos e até uma máquina de pegar bolinhas, em que a gente tentava conseguir uma boa pontuação. Foi muito divertido, e fiquei feliz por poder aproveitar aquele momento.

Depois, voltamos para casa, e a comemoração chegou ao fim. Apesar de ter sido simples, esse aniversário ficou marcado na minha memória, porque saí para comemorar em outro lugar. Geralmente, passo meu aniversário em casa.

Antes das oficinas do projeto Prolicen, eu nunca tinha lido uma crônica. Durante as atividades, entendi que ela é uma história curta, organizada em parágrafos e com personagens. A leitura da crônica sobre o aniversário de uma menininha também me ajudou muito, pois me fez lembrar da minha própria comemoração e serviu de inspiração para começar a escrever.

Comecei pelo título porque pensei que uma história precisa ter um nome para que as pessoas saibam do que se trata. Depois, lembrei dos acontecimentos mais marcantes daquele dia e tentei contar tudo do meu jeito.



Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

NOSSA, UMA FESTA DE ANIVERSÁRIO!

/Raylla Rodrigues de França

No dia do meu aniversário, eu não sabia de nada. Meu pai e minha mãe compraram um bolo e ficaram escondendo de mim, parecendo ninjas. Quando eu ia para um lado, eles levavam o bolo para o outro, para eu não descobrir a surpresa. Eles chegaram até a esconder o bolo no banheiro, mas, quando fui até lá, disseram: "Não, filha, deixa eu pegar um negócio rapidinho". Então, pegaram o bolo e levaram para a casa da minha avó.

Depois, fui para a garagem, na frente da casa. Quando cheguei lá, encontrei uma surpresa muito legal, com o tema de sereia. Tinha bolo, salgados e um painel da Sereia. Meu pai, minha mãe, minha irmã e minha avó estavam lá. Meu irmão ainda estava na barriga da minha mãe. Todo mundo já sabia da surpresa, menos eu, que não tinha desconfiado de nada.

Fiquei feliz, surpresa, emocionada e, ao mesmo tempo, nervosa. Pensei: "Nossa, meus pais fizeram uma festa para mim!". Então, comecei a chorar e agradeci muito por aquele momento.

Foi incrível comemorar meus 6 anos daquele jeito! Só depois minha família me contou que o bolo tinha passado por vários lugares antes de chegar à festa. Alguns dias depois, também ganhei uma bicicleta.

Eu já tinha ouvido falar em crônica e lido esse tipo de texto nos livros, mas não sabia direito o que era. Com as oficinas do projeto Prolicen, aprendi mais sobre crônicas e gostei muito dos textos que a gente leu na sala. Escrever a minha crônica foi uma oportunidade de contar essa lembrança e recordar a surpresa que meus pais fizeram para mim. Hugo e Aldenora também me ajudaram bastante.

ONDE ESTÁ O BOLO?

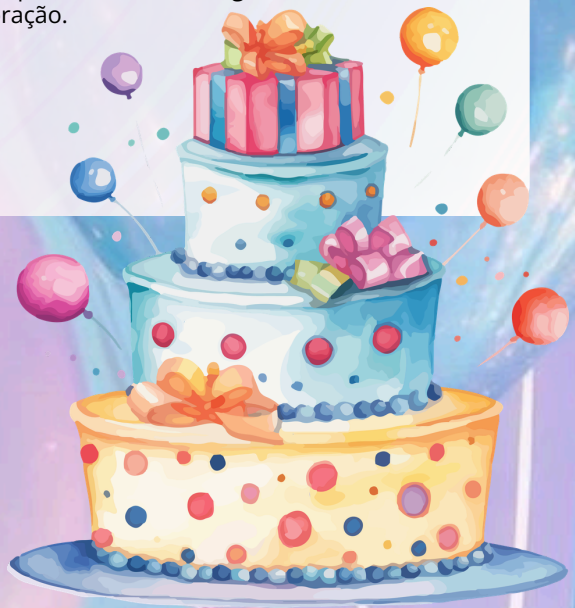
/Dominic Cunha Magalhaes

Eu acordei muito feliz porque sabia que era meu aniversário e fui me arrumar para ir à escola. Cheguei na sala muito, muito, muito feliz. Esperei, esperei pelo o meu bolo, mas ele não veio.

A aula acabou e voltei para casa. Perguntei a meu pai se alguém tinha batido palmas para mim, mas ninguém havia celebrado. Depois, perguntei a minha mãe se teria bolo, mas quem respondeu foi meu pai e ele disse que eu não tinha me comportado bem, por isso não haveria bolo e nem festa. Essa foi a situação que mais me marcou naquele dia, pois foi muito ruim não ter ninguém para festejar o meu aniversário.

Fiquei triste porque queria celebrar meu aniversário com alguém, mas isso não aconteceu. No dia seguinte, meu amigo me deu um presente, e isso me deixou feliz. Ele foi o único que se lembrou de mim.

Resolvi contar essa história porque esse é o aniversário que me marcou. Não queria deixar o leitor triste, mas queria que ele pensasse sobre o que aconteceu comigo e entendesse como foi ruim passar aquele dia sem nenhuma comemoração.



Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

UM DIA TRANQUILO

/Sophia Ashley Chaves De Lima

No dia 23 de janeiro de 2026, acordei feliz e muito animada porque ia completar 10 anos. Eu já sabia que minha mãe não faria uma festa, então pensei que seria um dia normal. Mesmo assim, fiquei pensando: “Nossa, vai ser muito legal, né? Porque é meu aniversário!”. Eu gosto de ficar em casa e não gosto muito de sair, por isso fiquei feliz por poder passar o dia tranquila.

Assim que acordei, recebi uma mensagem da minha melhor amiga, Sofia Vitória, me parabenizando. A gente se conhece desde o primeiro ano. Depois, outras pessoas também me mandaram mensagens, e isso me deixou muito feliz, porque me senti importante e lembrada.

No decorrer do dia, comecei a desenhar, como sempre faço, porque gosto muito dessa atividade. Tive a ideia de fazer um pequeno chapéu de aniversário, mas não deu certo. Então, desisti e deixei a ideia para lá.

Depois, peguei o celular para assistir a algumas coisas e também fui jogar. Em outro momento, fiz uma boneca minha com um vestido e achei muito legal. Minha prima também foi à minha casa para fazer alguma coisa, mas não me lembro exatamente o quê. Mesmo sem acontecer muita coisa diferente, gostei de passar aquele dia em casa.

Também tomei sopa, que é uma comida que gosto muito. Parecia um dia normal, mas, para mim, não era um dia qualquer, porque eu estava fazendo aniversário. O mais legal foi poder ficar em casa, fazendo as coisas que sempre faço.

Quando escrevi essa crônica, percebi que uma lembrança simples também pode virar uma história. Antes, eu não conhecia o gênero crônica, mas aprendi nas oficinas e achei muito legal. O texto “A Espada” foi o de que mais gostei e também me fez lembrar desse aniversário. Com essa experiência, aprendi que não preciso ter medo de escrever, porque posso usar minha criatividade.



FOTOS SÃO RECORDAÇÕES

/Miguel Rodrigo de Sousa Araújo

Era uma sexta-feira, por volta das 19 horas, quando meus pais me chamaram para entrar no quarto deles de olhos fechados. Assim que entrei e abri os olhos, vi desenhos que eu mesmo tinha feito nas paredes, além de balões e fitas compridas. Em cima da mesa, havia um bolo com uma vela e alguns salgados. Era a comemoração dos meus 11 anos!

Fiquei muito animado e admirado com o que meus pais tinham preparado. Minha família também estava contente, e o melhor de tudo era que a gente estava reunido. Meu pai e minha mãe estavam comigo, e aproveitamos aquela ocasião juntos em casa.
Depois, tiramos muitas fotos e cantamos parabéns. A comemoração foi muito divertida, mas o que mais gostei foi a hora de fotografar, porque as imagens se tornaram recordações daquele aniversário.

Antes de participar do projeto, eu não conhecia o gênero crônica. Nas oficinas, aprendi que ela pode ser uma história curta, que acontece em determinado lugar e envolve poucas pessoas. As leituras de textos como “A Espada” e a história sobre a festa de uma menina me ajudaram a entender melhor como escrever. Ao produzir minha própria crônica, percebi que é importante recordar os acontecimentos marcantes para conseguir contar essa experiência.



Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

UMA SURPRESA E TANTO!

/Lorrany Ketlin dos Santos Pinheiro

Eu estava indo para a Banda Marcial e, quando cheguei, fui para a sala onde estava todo mundo. A gente tocou e, quando terminou, fui guardar minhas coisas, principalmente minha trompa. Foi nesse momento que vi minha mãe, que me chamou:

— Lorrany, deixa isso aí, depois você guarda. Vem aqui!

Fui com ela até a sala e, quando cheguei, todo mundo começou a cantar parabéns para mim. Eu estava completando 11 anos. Gostei muito dessa parte! Comecei a fazer o passinho do Jamal, e todo mundo caiu na risada.

Depois da festa, percebi que tinha esquecido algumas coisas. Deixei minha estante e minha garrafa na escola e, até hoje, não encontrei a garrafa. Também esqueci meu guarda-chuva na van. Eu estava esquecendo tudo naquele dia! Mesmo assim, não fiquei preocupada com a garrafa e falei para minha mãe:

— Ah, mainha, não liga não, era só uma garrafa, mulher. Então deixa para lá.

Além da comemoração, também ganhei presentes. Recebi brincos, uma cesta de doces, um tênis novo e maquiagem. Minha mãe me deu um vestido lindo, mas minha cachorra comeu o botão antes mesmo de eu conseguir usá-lo. Ela disse que vai consertar a roupa e colocar outro botão.

Escolhi contar essa história porque esse aniversário foi muito importante para mim e foi muito legal. Apesar de ter ficado desconfiada no começo, não consegui descobrir o que estavam preparando, e isso deixou tudo mais divertido.

As oficinas de crônica também me ajudaram a escrever. Antes, eu não sabia muito bem como colocar no papel o que tinha acontecido e como eu tinha me sentido. Depois das conversas e das atividades, entendi melhor como contar a história do meu aniversário e mostrar como fiquei feliz. Também aprendi que podemos começar uma crônica contando um fato que aconteceu com a gente e continuar narrando os acontecimentos. Para mim, poderia ser assim: "Hoje meu dia foi legal", e depois era só continuar contando a história.



O MELHOR PRESENTE FOI ESTAR COM MINHA FAMÍLIA

/Benjamim Salaz Diniz Evangelista

Foi numa tarde que meus irmãos, meus sobrinhos e meus cunhados vieram comemorar meu aniversário de 9 anos. A festa aconteceu no meu apartamento, no 10º andar do Residencial Júlio Faustino Monteiro, em João Pessoa. Antes da comemoração, eu estava lá embaixo, no parquinho, brincando com minha irmã. Meu irmão também veio comemorar, porque a gente celebrou o meu aniversário e o dele em outro dia.

Quando cheguei ao meu apartamento, estava tudo organizado para a festa. Eu me troquei e coloquei uma roupinha para ficar bonito. Depois, tiramos fotos, ouvimos música e oramos, agradecendo a Deus por mais um ano de vida. Também tinha bolo, velas, presentes, balões, confetes e docinhos. Eu não me lembro muito bem do bolo, mas acho que ele era vermelho, com a bandeira de Portugal. Meu irmão estava fazendo 29 anos.

Durante a festa, meu irmão e eu ganhamos presentes, mas o que mais me marcou foi poder comer e ficar com a minha família. A gente comeu bolo junto e agradeceu a Deus por tudo.

Escolhi contar sobre esse aniversário porque ele me faz lembrar das coisas pelas quais Jesus passou no Jardim de Getsêmani, quando sofreu por todos. Para mim, o mais importante não era ter uma festa rica nem gastar muito dinheiro, mas estar com as pessoas que amo. Isso me faz pensar no que Jesus fez pelas nossas vidas.

Antes do projeto, eu não conhecia muito bem o gênero crônica, mas agora conheço um pouco mais. A gente leu os textos "A Festa" e "A Espada", fez brincadeiras e dinâmicas e aprendeu sobre as palavras e a pontuação. Tudo isso me ajudou a escrever minha crônica. Achei a crônica uma forma maravilhosa e divertida de escrever.

Se eu fosse dar um conselho para alguém que fosse escrever uma crônica sobre um aniversário, diria para prestar atenção no gênero e na linguagem informal. Também seria importante contar o que aconteceu, quando aconteceu e como aconteceu.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

UMA FESTA NA CASA DA MINHA AVÓ

/Laura Ferreira Medeiros Muniz



Meu aniversário foi muito bom! Eu estava fazendo 5 aninhos, e minha mãe me deixou na escola. Ela disse que precisava resolver algumas coisas no centro da cidade. Quando a aula terminou, ao meio-dia, meu pai foi me buscar.

Achei estranho, porque, todos os dias em que ele ia me buscar, minha mãe também estava no carro. Quando chegamos à casa da minha avó, percebi que tinha uma festa para mim. Era morava num apartamento bem grande, e estavam lá minhas primas, minha mãe, meu pai e minha avó.

A comemoração foi simples, mas gostei muito de ficar perto dos meus parentes. Brinquei com minhas primas de esconde-esconde, pega-pega e baleada. A gente se divertiu bastante!

Eu gostei muito das comidas. Estava tudo uma delícia, principalmente o bolo que minha avó preparou especialmente para mim. Era de chocolate, meu sabor preferido. Eu adoro as comidas que ela faz e fico muito feliz quando posso aproveitar essas delícias.

Eu já sabia que teria a festa, então não foi uma surpresa. Mesmo assim, aquele aniversário foi muito importante para mim, porque meu pai fez tudo o que pôde para preparar uma comemoração legal. Senti que estava sendo acolhida e que minha família queria estar ao meu lado naquele dia. Para mim, o melhor presente foi a própria festa!

Nas oficinas de leitura e escrita, aprendi sobre o gênero textual crônica, que eu ainda não conhecia. O texto de Fernando Sabino foi o de que mais gostei e também o que mais me ajudou a escrever. Depois dessa experiência, descobri que podemos escrever uma crônica contando um momento importante que vivemos.

MEU NOME NO *MILK-SHAKE*

/Laura Vasconcelos de Melo

Era o dia do meu aniversário, 09/07/2026, e eu estava em casa fazendo meu lanche da tarde. Estava completando 11 anos e meu irmão pediu para eu me arrumar, pois ia sair comigo e com a namorada dele. Fiquei animada com o convite!

A gente foi ao shopping e começou a passear pelas lojas. Meu irmão comprou uma roupa para mim, e continuamos caminhando por lá. Depois, fomos ao Burger King, pedimos comida e comemos bastante. O hambúrguer estava uma delícia e foi um momento marcante durante a comemoração.

Também tomei um milk-shake com meu nome escrito no copo e com uma mensagem que dizia “Parabéns, Laura”. Ao ver aquilo, fiquei tão feliz que até tirei uma foto. Para completar, ganhei um pijama de presente da namorada do meu irmão. Achei o presente tão especial que uso a roupa de dormir quase todos os dias.

Quando lembro dessa data, sinto novamente a alegria de passear, ganhar uma roupa e experimentar comidas deliciosas. Como tudo aconteceu recentemente e foi tão marcante, essa história veio logo à minha mente quando a professora pediu que escrevêssemos sobre um aniversário.

Eu já conhecia a crônica desde o ano passado, mas as oficinas me ajudaram a ler e produzir esse tipo de texto. Com elas, percebi que uma experiência especial para a gente também pode se transformar em uma história para contar e ser lida por outras pessoas.



PARA CELEBRAR MEUS 11 ANOS

/Igor Ribeiro

Eu estava muito feliz porque era o dia do meu aniversário. Acordei animado e passei a manhã toda chamando minha mãe: “Mãe, mãe, mãe!”. Ela me explicou que a comemoração seria mais tarde, e fiquei esperando a hora chegar.

Completei 11 anos, e a festa aconteceu na área de churrasco do condomínio onde moro. Quando cheguei na área da festa, encontrei muitas pessoas da minha família e alguns amigos. Estavam lá minha mãe, meu pai, minha irmã, minha avó, meus tios e tias. Não tinha um tema específico, era apenas uma comemoração para reunir as pessoas queridas.

Depois, desci para brincar de bola na quadra. Aproveitei bastante aquele momento, jogando e me divertindo com quem estava comigo.

Quando as brincadeiras terminaram, chegou a hora de cantar parabéns. Todos cantaram para mim e, em seguida, comi bolo. Foi uma comemoração simples, mas especial, porque pude celebrar meus 11 anos ao lado da minha família e dos meus amigos. Até meu primo, que estava no hospital, fez uma chamada de vídeo para me dar os parabéns. Fiquei emocionado com essa surpresa!

Quando penso nesse aniversário, recordo a alegria que senti desde a hora em que acordei até o fim da festa. Foi por isso que escolhi contar essa história, pois achei que seria interessante compartilhar essa lembrança.

Antes das aulas do projeto, eu não conhecia o gênero crônica, mas as atividades me ajudaram principalmente a desenvolver a leitura.

A SURPRESA NA CASA DA DINDA

/Maiara Torquato

No dia em que completei 5 anos, meu pai e minha mãe me chamaram para ir à casa da minha Dinda. Perguntei por que a gente estava indo para lá, mas eles só responderam que era uma surpresa.

Quando cheguei, estava tudo escuro. De repente, ouvi: “Parabéns para você!”. Meus pais me abraçaram, e descobri que tinham preparado uma festa para comemorar meu aniversário. A comemoração aconteceu no salão de festas do prédio onde minha tia morava. Meu primo também estava lá, junto com os amigos do meu pai, da minha mãe e da minha dinda.

Minha Dinda tinha prometido fazer maquiagem comigo, mas não deu tempo. Então, a gente aproveitou para brincar e comer. Teve pintura no rosto, pula-pula, pega-pega e brinquedos infláveis. Na hora da pintura, fizeram uma borboleta no meu rosto.

Na hora dos parabéns, aconteceu uma coisa engraçada. Quando trouxeram o bolo, percebi que era falso e perguntei: “Cadê o verdadeiro?”. Eles explicaram que aquele era só para tirar fotos. Depois, apareceram com o bolo de verdade, que estava na cozinha. Aí, a gente cortou o bolo e cantou os parabéns.

Também recebi muitos presentes. Ganhei uma pulseira e um jogo. Meus pais me deram mais alguma coisa, mas não me lembro do que era. Depois da comemoração, continuei brincando com meus amigos. Quando chegou a hora de ir embora, a gente se despediu, e eu voltei para casa.

Antes de participar das oficinas do projeto, eu já tinha ouvido falar em crônica, mas ainda não sabia como escrever.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

O MEU ANIVERSÁRIO FOI UM ACONTECIMENTO

/Clara Luanne Bulhões Souza

Sobre o meu aniversário, vou começar com os convidados chegando! Eu estava toda animada, esperando alguém chegar. Quando ouvi o interfone tocar, desci correndo. A Júlia falou que ia chegar primeiro, mas acabou sendo a terceira. Quando cheguei ao último portão, tropecei e caí. Ralei o pé, mas não me importei. Quando abriram o portão, vi que era a Thyra. A gente subiu e ficou conversando um pouco. Depois, o interfone tocou de novo. Então, a gente desceu, e era a Anny Sophia. A gente subiu e ficou conversando. O interfone tocava, eu descia, alguém chegava e a gente subia de novo. E assim foi indo.
Todo mundo já tinha chegado, menos a Maria Sofia e a Agatha. A gente estava quase começando sem elas, mas, no último minuto, elas chegaram.

Quando todo mundo chegou, me deu os presentes, e eu guardei tudo. Em seguida, a gente foi brincar. Teve várias brincadeiras, como esconde-esconde, pega-pega e caça ao tesouro. A brincadeira que mais gosto é “Cidade dorme”.

A brincadeira começava com o sorteio de papéis entre as crianças. Cada participante recebia uma função: assassino, vítima, detetive ou morador da cidade. Uma pessoa conduzia a brincadeira e anunciava: “Cidade dorme!”. Nesse momento, todo mundo fechava os olhos, menos o assassino, que permanecia de olhos abertos e escolhia silenciosamente uma vítima, apontando para ela. Em seguida, o assassino fechava os olhos, e o detetive era chamado para tentar descobrir quem era o culpado. Quando todo mundo abria os olhos, a pessoa que conduzia anunciava quem tinha sido a vítima, e os participantes conversavam, levantavam suspeitas e votavam em quem acreditavam ser o “assassino”. A brincadeira continuava até que o grupo descobrisse o “assassino” ou ele conseguisse permanecer sem ser identificado até o final. Eu gostei dessa brincadeira porque a gente descobriu o “assassino”. Ele tinha matado a própria irmã na brincadeira.

Sobre as comidas, teve pizza. A pizza estava muito boa, mas eu não gostei muito porque era o mesmo sabor que a gente pedia todo santo mês: dois amores e frango com catupiry. Eu queria um sabor diferente, como calabresa, quatro queijos, cheddar ou brigadeiro, mas não consegui porque já tinham comprado a pizza antes. O bolo também não foi como eu imaginava. Eu achava que seria de cenoura com cobertura, mas acabou sendo de abacaxi. Era um sabor bom, mas não era do jeito que eu queria.

O aniversário também foi meio caótico, porque quase teve briga, mas também teve muita diversão, brincadeiras e várias coisas legais. Mesmo com algumas coisas diferentes do que eu tinha imaginado, foi um dia especial.

No final da noite, por volta da meia-noite, eu e minhas primas ficamos em casa fazendo maquiagem artística escondidas e contando lendas de terror. Fizeram uma maquiagem de boneca em mim. Depois, quando quase todo mundo já tinha ido embora, eu mesma fiz uma maquiagem de palhaço. Gostei mais da maquiagem que eu fiz, porque as meninas fizeram uma maquiagem só para zoar, que ficou incompleta. A gente contou lendas assustadoras, e minha prima ficou com medo, sem querer dormir sozinha.

Eu queria que, quando alguém lesse minha crônica, se sentisse dentro do meu aniversário, se divertisse e tivesse algumas das emoções que eu tive. Eu já conhecia o gênero crônica, mas, durante o projeto, as crônicas que a gente leu me ajudaram a escrever. Eu me lembro da história do garoto com a espada e da história do aniversário da menina, em “A Última Crônica”. Gostei mais dessa crônica sobre o aniversário da menina, porque a crônica sobre a espada eu já conhecia.

Depois de escrever sobre o meu aniversário, percebi que escrever pode trazer surpresa. O meu aniversário, uma situação que parecia só mais um acontecimento do dia, acabou virando uma história para contar.



Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

TINHA UMA COISA DIFERENTE NAQUELE DIA

/Marina Oliveira Melo

Meu aniversário de 8 anos ficou marcado na minha memória, porque foi uma festa surpresa. Eu fui buscar meu irmão no ponto de ônibus com minha prima e quando a gente chegou em casa, a festa está preparada para mim.

Eu já desconfiava que tinha alguma coisa diferente, porque o móvel da sala estava em outro lugar, e achei isso estranho. Mesmo assim, não imaginava que havia uma festa surpresa me esperando. Quando vi a comemoração, fiquei muito feliz.

Minha família estava lá, junto com minha prima, minhas tias, minha avó, meu irmão e minha mãe. Meu pai provavelmente não estava, porque viajava muito. Tinha um bolo simples, que estava muito bom, e também tinha brigadeiro. Não lembro qual era o sabor do bolo, mas acho que tinha brigadeiro dentro.

Antes de comer o bolo, a gente tirou muitas fotos. Eu tirei fotos com as bonecas que ganhei. Não teve brincadeiras com animador de festa, mas brinquei bastante.

Gostei desse aniversário porque não imaginava que aquilo fosse acontecer. Achei que não ia ter nada, por isso fiquei muito feliz com tudo o que aconteceu.

Acho que uma coisa importante em uma crônica é contar um momento especial da vida de uma pessoa. Antes, eu não conhecia muito bem esse gênero, mas, com o projeto Prolicen, descobri que uma crônica pode contar um momento especial que uma pessoa viveu.

EU AMEI O PRESENTE DA MINHA TIA

/Maria Brenda Lopes Duarte

No meu aniversário de 5 anos, passei um bom tempo com minha família. Foi um aniversário importante para mim porque foi o último que passei com minha tia. Nesse dia, também estavam meus primos, minhas primas, meu irmão e minha mãe.

O tema da minha festa era unicórnio. O bolo era de unicórnio e tinha balões rosa, azul e vermelho. Eu gostei muito da festa e brinquei com meus primos e minhas primas de pega-pega e ladrão. Também passei um tempo com meu irmão e com minha mãe.

Nesse dia, minha tia me deu um presente. Quando abri, era uma boneca. Eu amei o presente e ainda tenho essa boneca até hoje. Mostrei a boneca para minha mãe e para minhas amigas. Depois de guardar o presente, fui brincar de pula-pula.

Senti muita alegria naquele aniversário, principalmente porque estava com minha família e porque minha tia estava nessa festa. Gosto muito dela.

Hoje, tenho 11 anos e não lembro dos detalhes daquele dia, mas ainda me lembro do bolo de unicórnio, dos balões e das brincadeiras.

Antes do projeto, eu não conhecia muito sobre crônicas. Durante as atividades, conheci as crônicas “A Última Crônica” e a “A Espada.” Gostei mais do texto sobre a espada, achei muito legal e cheio de imaginação.

Quando escrevi sobre o meu aniversário, aprendi sobre personagens, o tempo, o lugar e assunto que devemos escrever. Também aprendi que posso escrever sobre outros assuntos do dia a dia que aconteceram na minha vida.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

A FESTA DA MINHA AMIGA

/Maria Julia Gomes de Sousa

Lembro de quando fui ao aniversário de 12 anos de uma amiga. Foi uma festa simples, na casa dela, mas muito legal e divertida. Escolhi escrever sobre esse aniversário porque era de uma amiga que eu raramente via e, para mim, foi um momento muito especial. Naquela época, eu tinha 9 anos.

A festa tinha personagens de desenhos animados e, mesmo sendo modesta, foi muito boa. Tinha cheiro de comida gostosa e muitas brincadeiras. Passei a maior parte do tempo brincando de pega-pega e até de balão com água. Gostei muito da brincadeira do bingo. O prêmio era uma Coca-Cola. Eu quase ganhei, só faltaram duas peças.
Fiz bastante amigos naquela festa e fiquei muito feliz por reencontrar pessoas que não encontrava há muito tempo.

Hoje, quando lembro daquele aniversário, penso que não foi preciso fazer uma festa grande para viver um momento marcante. Foi uma comemoração singela, mas muito divertida, que ficou na minha memória porque eu estava com as pessoas que amo.

Eu já tinha ouvido falar sobre crônica antes do projeto, mas descobri que esse gênero pode falar sobre acontecimentos fictícios ou reais e situações do dia a dia. Por isso, percebi que a história de um aniversário também podia virar uma crônica. Durante o projeto, aprendi a escrever mais e a desenvolver melhor as ideias do texto.

SERÁ QUE VAI TER COMEMORAÇÃO?

/Ismael Marques Ferreira

Eu estava na igreja, no domingo, e, quando terminou, fui para casa. Eu achava que não ia ter aniversário, porque, de manhã, minha família só tinha me dado os parabéns e minha mãe tinha falado que não ia ter nada. Por isso, já não esperava mais nenhuma surpresa.

Mas, quando cheguei em casa, minha mãe não me deixava ir à cozinha, porque já tinha algumas coisas preparadas lá. Achei aquilo um pouco estranho, mas não imaginava o que estava acontecendo e já estava pensando em ir dormir.

De repente, quando minha mãe achou que eu ia dormir, minha irmã começou a cantar parabéns para mim. Todo mundo já estava preparado e começou a cantar junto. Foi uma surpresa, porque eu realmente não sabia que ia ter aniversário. Fiquei emocionado, porque já era tarde e eu não esperava que fosse acontecer mais nada.

Naquele dia, eu estava fazendo 9 anos. A comemoração aconteceu na minha casa, e minha família toda estava lá. O que mais me marcou foi chegar e não ver ninguém preparado para a festa, mas depois descobrir que todo mundo já estava pronto para cantar parabéns para mim. Foi uma enganação boa, porque minha mãe conseguiu me fazer acreditar que não teria comemoração.

Eu já tinha estudado sobre crônica no quarto ano, mas não conhecia muito bem esse gênero. Com o projeto Prolicen, descobri várias coisas que ainda não sabia. Os textos que lemos, como “A Espada” e “A última crônica” de Fernando Sabino, também me ajudaram a escrever melhor.

Depois de escrever, percebi que uma forma de aprender é observar outras crônicas para ter ideias e dicas. Para escrever sobre um aniversário, eu daria a dica de procurar uma crônica sobre esse tema e observar algumas palavras que pudessem ajudar a guiar a escrita.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

CAFÉ NA CAMA

/Gabriel Marinho Ferreira

No meu aniversário de 10 anos, acordei com um café na cama. Logo depois, fui comprar o meu mobilador e, quando voltei, almocei lasanha. Mais tarde, fui ao shopping e, às 18h40, fui para a minha festa de aniversário. A comemoração aconteceu na casa da minha avó, em um apartamento, mas a gente ficou lá embaixo, na área de lazer. Gostei muito dessa festa, por isso quero falar mais sobre ela.

A festa estava toda decorada. Tinha uma mesa com bolo, lembrancinhas, docinhos e salgados. O aniversário não teve nenhum tema específico.

Na festa, joguei futebol com Saulo e Vinícius e foi muito divertido.

Quando voltei para casa, abri os presentes, e meu pai pediu um pastel para encerrar a noite.

Eu queria que quem lesse minha crônica percebesse a felicidade que senti naquele dia, pois minha mãe, meu pai e minha avó prepararam aquele aniversário com muito carinho.
Eu ainda não conhecia o gênero crônica. Gostei de ouvir e ler as histórias apresentadas no projeto, principalmente "A Espada". Algumas atividades, como sublinhar as palavras e conhecer seus significados, me ajudaram um pouco a escrever. Gostei muito da história da espada porque o menino tinha superpoderes e podia ajudar as pessoas.

A SURPRESA DA MINHA MÃE

/Ana Sophia

Eu estava no reforço escolar, fazendo uma atividade, quando minha professora me trocou de lugar para eu não conseguir ver quando o portão fosse aberto. O reforço onde aconteceu a surpresa é uma casa pequena, com uma sala, uma cozinha, um banheiro e um quarto. Eu já faço reforço lá há bastante tempo.

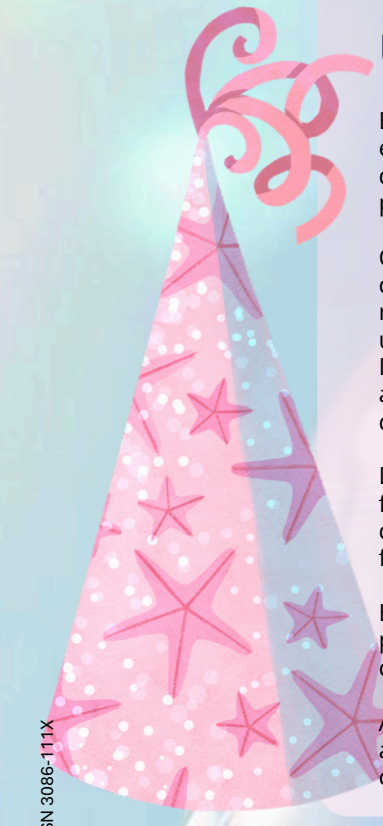
Eu não sabia que minha mãe estava preparando uma festa surpresa para mim naquele dia. Era o meu aniversário de 10 anos, e eu não desconfiava do que estava acontecendo. Quando minha mãe chegou com o bolo e começou a cantar parabéns, fiquei muito surpresa e quase chorei, pois não esperava aquele momento. Depois, todo mundo cantou parabéns, e a gente comeu o bolo.

Depois da comemoração, minha mãe foi embora para casa. Minhas amigas Maysa, Brena e Alice me deram uma carta, o que também tornou aquele momento especial. Eu nunca tinha recebido cartas, então aquele gesto das minhas amigas foi muito importante para mim.

Antes, eu não conhecia o gênero crônica. Com o projeto, descobri que uma crônica pode contar um fato real da vida de uma pessoa, algo que acontece no nosso dia a dia. A gente leu "A Espada" e "A última crônica", e esses textos me ajudaram a escrever. Na história da menina que comemorou o aniversário num bar, ela só ganhou um pedaço de bolo, mas aquilo foi importante para ela.



Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X



UMA SUPRESA PARA MINHA IRMÃ

/Franciele Máximo Silva

Eu fui comprar meu lanche com meu pai e minha mãe. No caminho, a gente viu uma loja e entrou para comprar chocolate, granulado e bolo. Compramos dois bolos para fazer um de duas camadas. Era o aniversário da minha irmã, que, acho, estava fazendo 12 anos. Eu amei preparar aquela festa porque seria uma surpresa para ela.

Quando chegamos em casa, começamos a organizar tudo. Colocamos o bolo no lugar e deixamos tudo pronto para esperar minha irmã chegar da igreja. Também tinha salgados e refrigerante. Eu estava feliz e nervosa ao mesmo tempo, pois era a primeira vez que preparava uma festa surpresa para alguém.
Depois, apagamos as luzes e ficamos esperando. Quando minha irmã chegou da igreja e acendeu a luz, a gente pulou para fazer a surpresa. Em seguida, cantamos parabéns para ela, que ficou feliz.

Depois, a gente comeu e ficou junto até que foi dormir, porque já estava tarde. Foi a primeira festa surpresa de que participei e, por isso, aquele momento foi muito especial para mim. Eu queria que quem lesse essa crônica percebesse o quanto gostei da comemoração e me senti feliz.

Escolhi contar essa história porque adorei a festa de aniversário da minha irmã, principalmente por ter sido uma surpresa. Também percebi que, quando escrevemos, podemos lembrar das coisas que ficaram na nossa memória e contar o que aconteceu.

Antes, eu não conhecia o gênero crônica. Com o projeto Prolicen, conheci textos sobre festas de aniversário que me ajudaram a escrever e lembrei deles quando estava escrevendo esta crônica.

QUE DIA!

/Sofia Maria Trovão de Souza

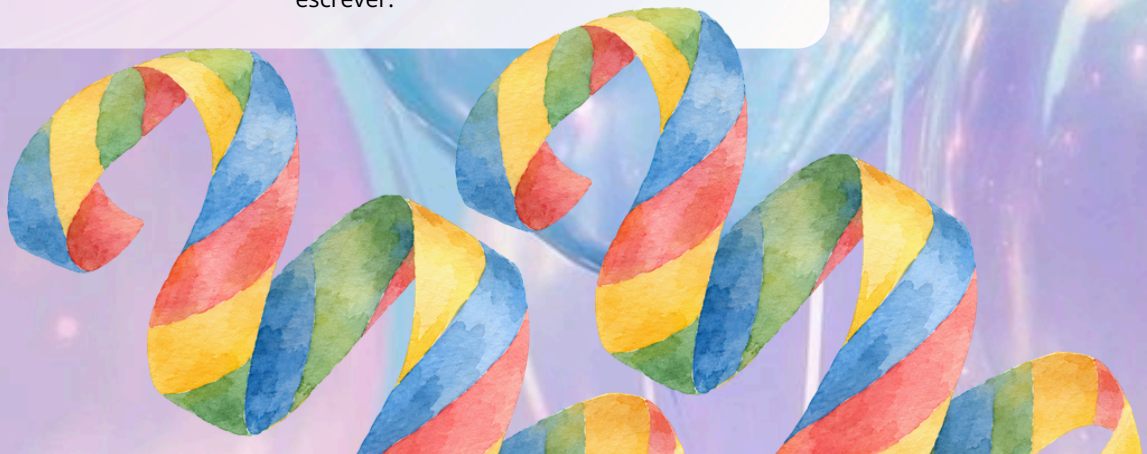
No meu aniversário de 10 anos, comemorei em uma pizzaria chamada Dom Pizza, com meus amigos e minha família. Acho que foi um dia e tanto, porque normalmente meus aniversários eram em casa, só com minha mãe, minha avó, minha tia e meu primo. Dessa vez, convidei alguns amigos da minha escola atual e outros da minha escola antiga, e gostei bastante.

Quando cheguei à festa, meus amigos foram chegando, e fiquei muito feliz. Depois, brinquei bastante, até cansar e suar, porque tinha um parquinho e um pula-pula. Foi um dia muito especial para mim, principalmente porque foi o primeiro aniversário em que convidei meus amigos da escola, Ítalo e Felipe. Minha prima Kiara também estava lá.

Também comi bastante pizza e coxinha, e estava tudo muito bom. Recebi muitos presentes e gostei muito de cada um deles. Mas a hora dos parabéns foi uma das melhores partes da comemoração, pois todo mundo estava reunido para me prestigiar.

Esse aniversário foi um dos melhores dias da minha vida, porque pude comemorar com minha família e meus amigos, algo que normalmente não acontecia nas minhas festas.

Eu já conhecia o gênero crônica antes do projeto, mas descobri que uma crônica pode contar uma história inventada ou um acontecimento do dia a dia de uma pessoa. Os textos que lemos ajudaram na minha escrita porque me deram ideias de como eu poderia começar a escrever.



Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

O ANIVERSÁRIO DE UMA POETA SONHADORA

/Nicolli De Farias Santos

Meu primeiro aniversário com festa foi quando eu tinha 5 anos e foi muito especial. A comemoração aconteceu na minha casa, e eu lembro que os olhos das pessoas brilhavam e a felicidade transbordava pelos olhos delas.

Esse aniversário ficou marcado na minha memória porque meu irmão, que não morava comigo, veio à festa e me deu um presente. Ele entrou com uma boneca, e eu, quando olhei para ela, comecei a pular de felicidade. Era a Barbie princesa que eu queria muito, e fiquei muito feliz por ganhar esse presente dele.

Minha mãe também me deu um presente. Foi uma bicicleta rosa com roxo, e eu amei esse presente também. Depois dos presentes, fui brincar com minhas amigas.

Escolhi contar sobre esse aniversário porque foi muito especial para mim, principalmente porque meu irmão veio à festa e me deu um presente.

Eu já conhecia o gênero crônica e, durante o projeto, aprendi coisas interessantes sobre ele gênero. Conheci a crônica “A espada” sobre um menino que descobriu que tinha super poderes para realizar sonhos inusitados.



UM JEITO ESPECIAL DE COMEMORAR

/Laura Araújo Rodrigues

Tudo começou quando cheguei da escola no dia do meu aniversário. Minha mãe estava lavando a louça, meu pai não estava em casa e meu irmão estava lá embaixo com os amigos dele. Minha mãe me chamou para pegar o lixo, mas eu não desconfiava de nada. Depois, ela falou: “Filha, vamos ali na churrascaria para ver se o seu irmão está lá”. Fui com ela e continuei sem desconfiar da surpresa.

Quando chegamos, descobri a surpresa e fiquei muito feliz. Minha família estava lá, e essa foi uma das coisas de que mais gostei naquele dia. Eu estava fazendo quatro ou cinco anos, não lembro muito bem, mas sei que gostei muito daquele aniversário porque minha família estava reunida.

Depois, cantaram os parabéns e ficamos conversando. Foi então que chegou o carro de som, cantando parabéns de um jeito especial. Ter uma festa de aniversário com carro de som foi muito legal!

Eu já conhecia o gênero crônica, mas foi no projeto que conheci os textos “A Última Crônica” e “A Espada”. Essas histórias me ajudaram a escrever minha crônica porque passei a ter mais consciência ao escrever, principalmente com as atividades sobre o uso da pontuação.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X

EU NUNCA VOU ESQUECER

/Samya Dafiny Da Silva Maia

A minha festa de aniversário de 4 anos aconteceu na casa do meu primo. Foi um dia muito especial para mim, porque toda a minha família estava lá, além dos meus amigos.

A comemoração foi cheia de emoções e lembranças que eu nunca vou esquecer. Lembro direitinho do momento quando cheguei à festa. Estava usando um vestido rosa, e no local tinha um bolo de chocolate e muitos salgados.

Durante a festa, brinquei muito e também tomei banho de piscina. Brinquei de dança das cadeiras e de esconde-esconde. Quem ganhou na dança das cadeiras fui eu!

Na hora dos parabéns, aconteceu um momento muito emocionante, que ficou guardado na minha memória. Todo mundo estava reunido para comemorar meu aniversário, e essa é uma das lembranças que não quero deixar de lado.

Eu não conhecia muito bem o gênero crônica, mas, durante o projeto, gostei de ler os textos sobre aniversário. Não lembro qual crônica achei mais legal, mas lembro que foi a segunda, que contava a história de um menino que ganhou um presente de aniversário que dava a ele superpoderes. Achei muito legal a imaginação do menino!



A FESTA NO *GAME STATION*

/Luma Bela Salcino Moura

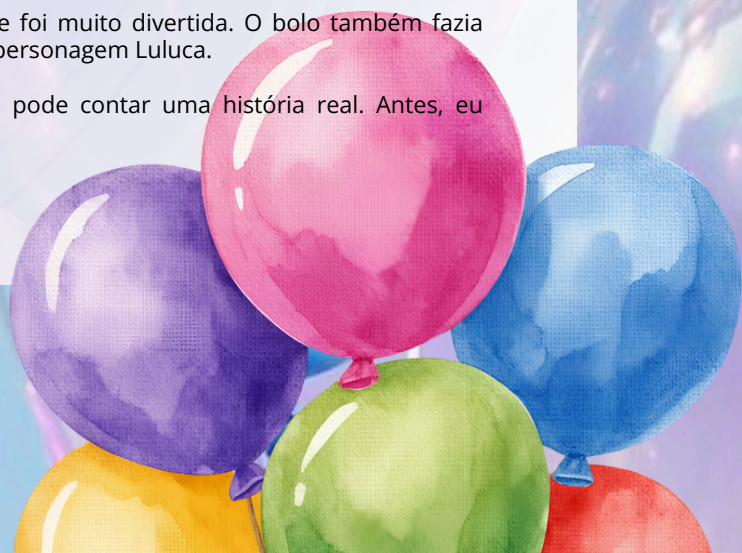
Tudo começou dois meses antes do meu aniversário, que foi no dia 12 de junho de 2024. Eu estava tomando banho quando minha mãe perguntou como eu queria minha festa. Eu disse que não sabia e perguntei se ela tinha alguma ideia. Então, ela sugeriu que a comemoração fosse no Game Station. Foi assim que a gente decidiu o local.

Eu estava contando os dias para completar 9 anos e queria uma festa grande. Minha mãe sabia que eu estava ansiosa para esse dia chegar. A festa aconteceu no Game Station do Shopping Mangabeira e teve como tema a Luluca.

Eu estava usando um vestido rosa com estampa de arco-íris. Logo que cheguei, vi que a decoração estava bonita. Tinha um painel da Luluca e mesas organizadas em círculos, com toalhas azuis. Estavam presentes minha família e dois amigos da escola, João e Rafaela. Também foram algumas tias, primos e amigos que moravam na minha rua.

A festa teve muita comida e brinquedos legais, e foi muito divertida. O bolo também fazia parte do tema. Tinha dois andares e uma foto da personagem Luluca.

Com o projeto Prolicen, descobri que a crônica pode contar uma história real. Antes, eu achava que era apenas uma história fictícia.



MEU ANIVERSÁRIO

/Yasmim Vitória

Atividade adaptada para criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

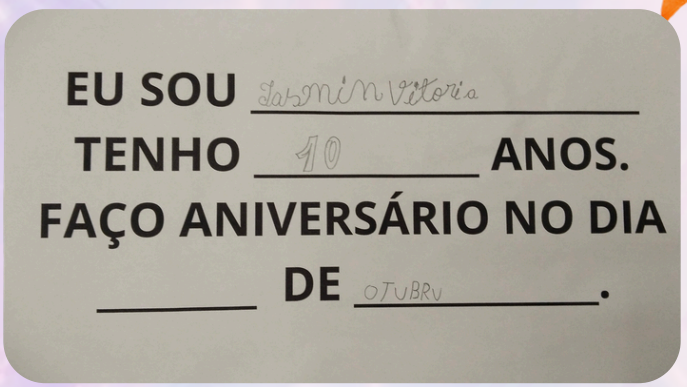
A criança observou uma cena ilustrada de aniversário e, com o apoio de figuras recortadas, montou uma imagem semelhante à apresentada com recorte e colagem. Em seguida, completou uma atividade lacunada com informações sobre seu nome, idade e data de aniversário.



Feito pela criança



Recortes para montagem



Feito pela criança

Integrada à proposta desenvolvida com as demais crianças, a atividade foi adaptada com o uso de recursos visuais e manipuláveis, respeitando as singularidades da criança e favorecendo a atenção, a percepção visual, a associação entre imagens e palavras e a expressão de aspectos do seu cotidiano, a partir da temática Feliz Aniversário.

Durante a realização da proposta, a criança conseguiu montar uma cena de aniversário, demonstrando percepção do espaço e reconhecimento da disposição dos elementos gráficos na composição da imagem. Observou-se também sua capacidade de reconhecer e associar alguns elementos da atividade a situações e acontecimentos da realidade, organizando-os de maneira coerente com a temática apresentada.

Na segunda etapa, por meio de uma atividade lacunada, conseguiu identificar e registrar seu nome, sua idade e o mês de seu aniversário. Entretanto, não soube informar o dia em que nasceu.

Por fim, o recurso a materiais concretos e pistas visuais revelou-se uma estratégia propícia tanto à participação quanto à manifestação dos conhecimentos da criança.

Fala Tu! | João Pessoa | V. 2 | N.5 | Novembro de 2026 | ISSN 3086-111X



Acesse o **QR Code** e **escute** a **experiência das crianças** da **Escola Municipal Aruanda** sobre uma **festa de aniversário!**

James Levi
Karen Costa
Augusto Neto
Emanuelle Vitória
Kauan Gabriel
Laura Mariana
Levi Fernandes
Lorena Soares
Adele Melo
Alexsandro Henrique
Celso Eduardo
Kainan Ramos

Projeto Prolicen|UFPB

Da Sala de Aula à Publicação: Experiências Formativas na Interface Universidade–Escola



A estagiária Hellen e as crianças (Maria Júlia, Ângelo, Mariana, Ayla) da **Brinquedoteca** em uma encenação de "**Alice no País das Maravilhas**", durante a 6ª edição do **Sarau Literário de Linguagem e Interação.**


falatu!
ISSN 3086-111X
VOL. 2, N. 1, 2025
INFÂNCIA PLURAL:
Corpos que brincam, sentem e narram histórias

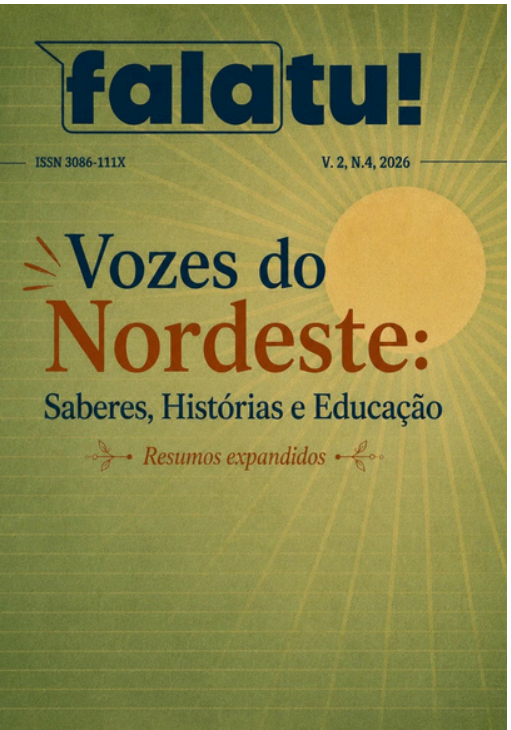

falatu!
ISSN 3086-111X
Vol 1, N. 2, 2026
Crônicas para abrir janelas!

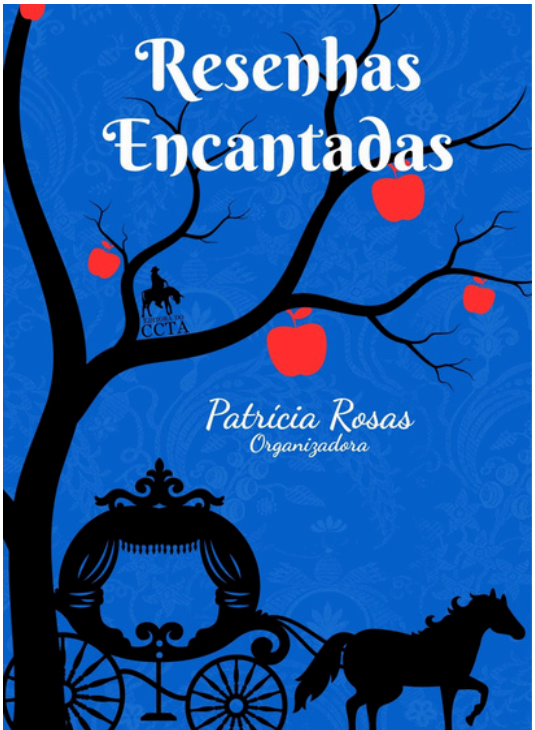

falatu!
ISSN 3086-111X
Vol 1, N. 4, 2026
Crônicas ao redor da mesa


falatu!
ISSN 3086-111X
Vol 2. N. 2, 2026
Linguagem é interação: janelas abertas para o mundo


falatu!
ISSN 3086-111X
VOL. 3, N. 1, 2025
Relatos de experiência
bem-sucedidas e a identidade narrativa


falatu!
ISSN 3086-111X
VOL. 1, N. 1, 2025
Não repare a bagunça. Estamos em crônica!


falatu!
ISSN 3086-111X
V. 2, N.4, 2026
Vozes do Nordeste:
Saberes, Histórias e Educação
Resumos expandidos


Resenhas Encantadas
CCTA
Patrícia Rosas
Organizadora


Escrevi para não te esquecer
Patrícia Rosas
Organizadora












LAR
É
ONDE
O
CORAÇÃO
ESTÁ






Mulheres




Crônica










SARAU
LITERÁRIO
LINGUAGEM E INTERAÇÃO






Que tal escrever para ser lido e não apenas avaliado?
DME
Universidade Federal da Paraíba
Portal de Periódicos
EDITORA UFPB
DESENGAVETA
MEU TEXTO